

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

AMANDA FRANCIELE SILVA

DOBRANDO A FITA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A MEMÓRIA DA
PETECA EM MINAS GERAIS

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

2020

AMANDA FRANCIELE SILVA

**DOBRANDO A FITA: LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A MEMÓRIA DA
PETECA EM MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como exigência para obtenção do Título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Área de concentração: Tecnologias e Interfaces da Comunicação (TIC).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS
2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S586
2020

Silva, Amanda Franciele, 1993-

Dobrando a fita [recurso eletrônico] : livro-reportagem sobre a memória da peteca em Minas Gerais / Amanda Franciele Silva. 2020.

Orientador: Marcelo Lapuente Mahl.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em:

<http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.528>

Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.

I. Educação. I. Mahl, Marcelo Lapuente, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34)3291-6395 / (34)3291-6396 - ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 13/2020/115, PPGCE				
Data:	Dezessete de agosto de dois mil e vinte	Hora de início:	[9:32]	Hora de encerramento:	[11:10]
Matrícula do Discente:	11812TCE002				
Nome do Discente:	Amanda Franciele Silva				
Título do Trabalho:	Livro Reportagem: Dobrando a fita: Memórias de mineiros que não deixam a peteca cair				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Projetos de nação na Primeira República: natureza, política e sociedade				

Reuniu-se em web conferência pela plataforma Mconf-RNP, link: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/marcelo-lapuenta-mahl>, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Adriana Cristina Omena dos Santos - UFU; Luciano Victor Barros Maluly - USP e Marcelo Lapuente Mahl - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Marcelo Lapuente Mahl, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público (online), e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[Aprovado(a)].

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Lapuente Mahl, Membro de Comissão**, em 17/08/2020, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Cristina Omena dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 17/08/2020, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Victor Barros Maluly, Usuário Externo**, em 17/08/2020, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2183729** e o código CRC **6B9AA816**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Marco e Edivania e às minhas irmãs Fernanda e Camylla, por serem a equipe base desta e de todas as minhas conquistas. Amo vocês.

À minha vovó Guita, por me passar o amor pelo esporte e compartilharmos momentos emocionantes. Obrigada por ser essa pessoa intensa e apaixonante. Meu maior troféu é você.

À minha bisavó Elizena, que passava as tardes me contando causos familiares e, apesar da idade, sempre esteve presente nas comemorações das minhas conquistas. Tenho certeza que está orgulhosa lá de cima.

Ao meu tio Ricardo, meu primeiro técnico, que lançou toda a família no mundo da peteca e nos proporcionou tantas histórias e aventuras.

À minha avó Eni. Aos meus padrinhos Reginaldo, Edivar, Selinho e Antônio, e às minhas madrinhas Abigail, Gislene, Renata e Marília. A todos os meus tios e tias. Obrigada por serem meus fiéis torcedores, família.

Aos meus primos Gustavo, Augusto, Mikael, Ricardinho, Guilherme e Cristina, e aos meus afilhados Luiz Gustavo, Thomáz, Maria Clara e Isabela por serem as minhas maiores alegrias.

À minha pequena família de amigos que sempre acreditou que um dia nos reuniríamos para ler um livro meu – mesmo quando eu ainda não sonhava em ser jornalista. Beatriz Jordão, Bruna França, Cynthia Lara, Isadora Aleixo, Lettycia Fernandes e Matheus Maciel: 15 anos depois, aqui estamos!

À Giovana Matusita, Marina Colli e Nayara Ferreira, por acompanharem ponto a ponto desta partida, lendo cada rascunho e me dando a mão a cada surto. Sem vocês me motivando a continuar, eu não teria chegado tão longe sã.

Aos amigos Bruna Isa, Carolina Valadares, Débora Inácio, Felipe Costa, Flahana Pfeifer, Gabriel Santana, Guilherme Argel, Isadora Ramos, Juliana Davi, Juliana Souza, Lorena

Martins, Marcella de Paula, Marina Figueroa, Maysa Vilela e Thales Tintori, pelo companheirismo e leveza. Obrigada por serem apoio constante à beira da quadra.

Ao Rafael Venancio, meu técnico em tantas competições acadêmicas, por sempre confiar em meu potencial e tentar extrair o meu melhor. Obrigada por não me limitar, pelo contrário, por impulsionar meus voos.

À Mirna Tonus, por estar presente em todas as minhas partidas decisivas na faculdade, sempre com o olhar atento e carinhoso, me incentivando a ser melhor.

Ao Marcelo Mahl, que veio ao meu auxílio para me dar fôlego nos momentos finais.

À Adriana Omena e ao Luciano Maluly por aceitarem o convite e contribuírem com este trabalho.

Ao Leonardo e à Luciene, pela confiança frente à Liga Triangulina de Peteca e pelo companheirismo na busca de uma peteca mais inclusiva e igualitária.

Aos meus entrevistados. Vocês são parte essencial desta história e a memória viva do esporte. Obrigada por não deixarem a peteca cair e por inspirarem gerações. Agradeço também por doarem seu tempo e atenção a esta jornalista.

A todos os petequieiros, obrigada por darem vida e continuidade ao nosso esporte. Sigamos jogando lado a lado.

À peteca, esporte que me formou como ser humano. Obrigada por ser apaixonante, mineira e importante. Tenho orgulho de tê-la em inúmeras das minhas histórias e de lutar por sua valorização e preservação.

À Nelson Rodrigues, Sócrates, Corinthians e esportes em geral, por tornarem meu dia a dia mais emocionante e grandioso culturalmente, politicamente e socialmente.

RESUMO

A peteca é um esporte pouco reconhecido e visto como lazer. No entanto, possui Confederação, Federações, regras e competições oficiais. Esta pesquisa analisa como ocorre a relação entre Minas Gerais e a peteca enquanto esporte, ou seja, como tornou-se parte integrante da cultura mineira e como o estado auxiliou no reconhecimento e confirmação da peteca enquanto esporte. O estudo foi feito por meio de jornalismo literário, livro-reportagem, jornalismo esportivo e memória. Na construção da narrativa utilizamos o modelo de narratologia atuacional de Greimas e o paradigma indiciário de Ginzburg. O produto final foi o livro-reportagem-história-ensaio *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair*. O livro intercala o tempo passado e o presente do esporte em Minas Gerais, desde 1980 até os dias atuais. A narrativa está dividida em seis partes temáticas e é construída a partir do resultado das entrevistas com organizadores, professores, atletas, torcedores e familiares.

Palavras-chave: Peteca. Minas Gerais. Jornalismo esportivo. Livro-reportagem. Narratologia. Memória.

ABSTRACT

Shuttlecock is a poorly recognized sport and is seen as recreation. However it has official Confederations, Federations, rules and competitions. This research examines how a relationship between Minas Gerais and the shuttlecock occurs as a sport, that is, how it became an integral part of the culture of Minas Gerais and how the state aided in the recognition and confirmation of the petition during the sport. The study was done through literary journalism, book-report, sports journalism and memory. In the construction of the narrative we used the Greimas operational narrative model and the indicative paradigm of Ginzburg. The final product was the book-reportage-story-essay *Folding the tape: memories of miners who do not drop the shuttlecock*. The book intersperses past time and presents the sport in Minas Gerais from 1980 to the present day. The narrative is divided into six thematic parts and is constructed from the result of interviews with organizers, teachers, athletes, fans and family members.

Keywords: Shuttlecock. Minas Gerais. Sports journalism. Book-report. Narratology. Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFU	Universidade Federal de Uberlândia
PIC	Projeto Interdisciplinar em Comunicação
Expocom	Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação
PEX	Projeto Experimental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
Liga Triangulina	Liga Triangulina de Peteca
Gazeta	Jornal Gazeta de Patrocínio
CAP	Clube Atlético Patrocinense
PTC	Patrocínio Tênis Clube
Praia	Praia Clube
CND	Conselho Nacional de Desporto
CBP	Confederação Brasileira de Peteca
FEMPE	Federação Mineira de Peteca
Brasileiro	Campeonato Brasileiro de Peteca
FEPAPE	Federação Paulista de Peteca
SMES	Secretaria Municipal de Esportes
CBDT	Confederação Brasileira de Desportos Terrestres
Mineiro	Campeonato Mineiro de Peteca
FEGOPE	Federação Goiana de Peteca
FEBRAPE	Federação Brasiliense de Peteca
FEPETERJ	Federação de Peteca do Estado do Rio de Janeiro
FEPERON	Federação de Peteca do Estado de Rondônia
FECAPE	Federação Catarinense de Peteca
FEPPE	Federação Paranaense de Peteca
FESULPE	Federação Sul Matogrossense de Peteca
FETOPE	Federação Tocantinense de Peteca
AABB – BH	Associação Atlética Banco do Brasil de Belo Horizonte
Jaraguá	Jaraguá Club
MaxMin	MaxMin Clube
Minas	Minas Tênis Clube
Náutico	Clube Náutico de Sete Lagoas

Oi ART	Associação Recreativa Oi ART
Olympico	Olympico Club
Pampulha Iate	Pampulha Iate Clube
Caiçaras	Caiçaras Country Clube
AABB – Manhuaçu	Associação Atlética Banco do Brasil de Manhuaçu
Mackenzie	Mackenzie Esporte Clube
Liga Brasileira	Liga Brasileira de Peteca
PEC	Peteca Esporte Clube
ATP	Associação dos Tenistas Profissionais
PRO	Profissional de alto rendimento

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Divulgação da III Copa Itaú de Peteca no Jornal Estado de Minas, 1º caderno, 9 out. 1983, p. 34	23
FIGURA 2 – Abertura do I Campeonato Brasileiro de Peteca	25
FIGURA 3 – Delegação do Praia Clube na 31ª edição do Campeonato Brasileiro	27
FIGURA 4 – Distribuição de pontos em função da Série de Pontuação e Colocação	28
FIGURA 5 – Quadra principal da 2ª Liga Triangulina 2019 cercada pelo público	29
FIGURA 6 – Modelo atuacional de Greimas	40
FIGURA 7 – Exemplo de uso do modelo atuacional de Greimas	40
FIGURA 8 – Uso do modelo atuacional de Greimas no livro-reportagem	44
FIGURA 9 – Processo de criação da capa	53
FIGURA 10 – Capa final digitalizada	54

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
1.1 Memorial Acadêmico	14
1.2 Introdução	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 Peteca	20
2.2 Jornalismo Literário e Livro-Reportagem	30
2.3 Jornalismo Esportivo e Memória	34
2.4 Narratologia de Greimas	38
<i>2.4.1 O papel da peteca na narratologia de Greimas</i>	40
2.5 Paradigma Indiciário de Ginzburg	44
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1 Entrevistas	48
3.2 Escrita	51
3.3 Imagens	53
3.4 Edição	54
3.5 Diagramação	54
4 DEMANDAS MERCADOLÓGICAS	55
4.1 Orçamento de custos	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXO A – Regras Oficiais de Peteca	62
ANEXO B – Autorização Adriana Elizete	80
ANEXO C – Autorização Ana Romano	81
ANEXO D – Autorização Carlos Henrique	82
ANEXO E – Autorização César Moreira	83
ANEXO F – Autorização Douglas Silva	84
ANEXO G – Autorização Evelin Martins	85
ANEXO H – Autorização Gabriela Moreira	86
ANEXO I – Autorização João Pedro	87
ANEXO J – Autorização José Adolfo	88
ANEXO K – Autorização Leonardo Assis	89

ANEXO L – Autorização Marcelo Fortunato	90
ANEXO M – Autorização Marco Antonio	91
ANEXO N – Autorização Marco Túlio	92
ANEXO O – Autorização Maria Aparecida	93
ANEXO P – Autorização Maria Luiza	94
ANEXO Q – Autorização Paulo Caixeta	95
ANEXO R – Autorização Ricardo Caldeira	96
ANEXO S – Autorização Ricardo Delgado	97
ANEXO T – Autorização Ricardo Ivan	98
ANEXO U – Autorização Ricardo Madruga	99
APÊNCICE – Prévia do livro <i>Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair</i>	100

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Memorial Acadêmico

Nasci em uma família materna envolvida com esportes: minha avó, apaixonada por ver e palpitar todo e qualquer jogo; meu tio, professor de educação física, jogador e árbitro de esportes; meus primos e minhas irmãs, jogadores de peteca. Com menos de um ano, eu já estava sentada nas arquibancadas prestigiando a família. Com três, fazia parte das viagens para campeonatos de peteca, dos quais posteriormente passei a participar. Com quatro, virei corintiana para alegria da vovó apaixonada por Marcelinho Carioca e tristeza do meu pai atleticano. E à medida que o tempo passava, maior era meu amor por esportes, não havia quem ou o que – nem mesmo uma febre – me tirasse da frente de um jogo, fosse na televisão ou ao vivo.

Presente na maioria das histórias de infância que lembro e também nas histórias que herdei da minha avó, a peteca foi minha primeira paixão. Meus finais de semana eram programados com base nos jogos que haveriam, visto que minha família estava constantemente viajando para participar. Eram campeonatos gigantes, com aproximadamente seis mil jogadores, em cidades e estados diversos. Eu estava ali, hipnotizada, fosse sentada na arquibancada torcendo, correndo de um lado para outro ajudando os organizadores a saberem informações de jogos em troca de brindes ou como atleta mirim junto das minhas irmãs.

Cresci, vi a peteca sair de quadras ao sol e vento para ganhar ginásios fechados, regras mudarem, atletas – incluindo parte da minha família – abandonarem o esporte e a peteca perder um pouco da sua força para depois voltar a se reerguer com novas gerações, muitas das famílias tradicionais. Vi meu primo ser considerado uma das maiores autoridades técnicas do esporte nos últimos cinco anos. Eu continuei, junto da minha avó, presente nas arquibancadas, sempre que possível, gritando pelos velhos e novos conhecidos. Mas não foi somente a peteca que me cativou.

Aprendi com a minha avó a torcer pelo Corinthians e era sempre ao seu lado que eu passava as tardes de domingo assistindo aos jogos, de Marcelinho Carioca em 1998 até Romero de 2018. Corria na rua comemorando após os jogos. Pedia ao meu pai para me acordar de madrugada na Copa do Mundo de 2002. Saía mais cedo da escola para assistir à Copa do Mundo de 2010. Estava constantemente acompanhando minha segunda paixão, o futebol, e quando ainda me sobrava tempo, conferia os outros esportes, como vôlei e futsal.

Assim como o esporte sempre fez parte da minha vida, a escrita e a leitura estavam ali. Na hora de escolher meu curso na faculdade, pensei em algo que pudesse unir os três interesses. Além disso, herdei o gosto da minha bisavó por contar histórias. Assim, entrei no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2012.

Durante a graduação, procurei desenvolver projetos com temática esportiva. No terceiro semestre, durante a disciplina de Projeto Interdisciplinar em Comunicação (PIC) III, sob a orientação da Prof.^a Me. Christiane Pitanga, desenvolvi em grupo uma fotorreportagem com a trupe Circo da Vida, que dava aulas de circo em Uberlândia para adultos e crianças, além de realizar apresentações.

No quarto semestre do curso, durante a produção do Jornal Senso InComum, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ingrid Gomes, desenvolvi a matéria *Placar entre passado e presente*, que retratava a rivalidade histórica entre as atléticas da Engenharia, Medicina e Educação Física da UFU em eventos esportivos universitários, como as Olimpíadas. Posteriormente, escrevi para o mesmo jornal a resenha *O placar em aberto*, do livro biográfico *Casagrande e seus demônios*, sobre o comentarista esportivo e ex-jogador Walter Casagrande Júnior.

Mas foi no quinto semestre do curso, em meio à Copa do Mundo de 2014, que desenvolvi em grupo o projeto do qual mais me orgulho, o *newsgame Viva 50* sobre a Copa de 1950, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio e coorientação das Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Spanenberg e Prof.^a Dr.^a Mirna Tonus. Nunca havia produzido um game e apesar de trabalhoso, foi gratificante vê-lo pronto e reconhecido. O *Viva 50* foi eleito o melhor game do XXII Prêmio Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom) 2015, na categoria Produção Transdisciplinar. O trabalho rendeu também um artigo publicado nos anais do evento. Ainda no XXII Prêmio Expocom 2015, conquistamos o troféu na modalidade Projeto de Comunicação Integrada com o *Não abandone, adote*, um plano de comunicação voltado a conscientizar sobre o não abandono e a adoção consciente de cães e gatos, novamente com orientação do Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio.

Também no quinto semestre, cursei a disciplina optativa de Produção em Rádio, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Sandra Garcia. Aproveitando por ser o ano de Copa do Mundo, 2014, produzi um boletim chamado *Copa de Amor* sobre a abertura da Copa acontecer no Dia dos Namorados e também uma mesa redonda feminina chamada *Resenha dazamigas* em que comentávamos os principais acontecimentos da Copa do Mundo.

No sexto período, fiz a disciplina optativa de Jornalismo de Revista, da Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Spanenberg, em que produzimos a *Revista Nós* com a temática da

invisibilidade. Na matéria *Brincadeira Séria* pude falar sobre a peteca e o desconhecimento que as pessoas têm sobre ser um esporte, com Confederação, Federações, regras e competições oficiais, além da problemática de falta de espaço na mídia.

Durante o sexto e sétimo período, trabalhei com transmídia, educomunicação, adaptação e literatura brasileira no projeto *O Relicário*, dedicando-me principalmente a Nelson Rodrigues, na disciplina de Projeto Experimental (PEX) I e II, com orientação da Prof.^a Dr.^a Mirna Tonus e coorientação da Prof.^a Me. Christiane Pitanga. Lembrado pelo dramaturgo conceituado que foi, o escritor brasileiro possuía ainda a importante faceta de jornalista, e foi dela que escolhi a crônica a ser trabalhada: *Perfil do Campeão*, sobre Martim Francisco, técnico do Vasco em 1956.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 2015, também seguiu a linha de jornalismo esportivo e englobou assuntos que havia trabalhado nos últimos anos: *Copa do Mundo de 1950 e Nelson Rodrigues*. Ao lado do meu orientador Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio, busquei resgatar o lado jornalista de Rodrigues e demonstrar o papel narrativo da Copa de 1950 em suas crônicas posteriores, apesar do pernambucano não a ter coberto. O trabalho virou posteriormente o artigo *A narrativa da Copa do Mundo de 1950 nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues* e foi publicado na Revista Âncora em 2016.

Em janeiro de 2016, meu primo Leonardo Assis criou a Liga Triangulina de Peteca, com a intenção de resgatar o esporte no Triângulo Mineiro. Recém-formada, montei a Assessoria de Comunicação da Liga Triangulina, da qual faço parte até o momento e voltei a correr naquelas quadras de um lado para o outro, ainda em busca de informações como quando criança, no entanto, agora por profissão, não mais em troca de brindes, mas constantemente apaixonada. A Liga Triangulina está em seu quarto ano e são realizadas cinco etapas por ano – nos outros anos, eram três etapas, a partir de 2019, aumentamos para cinco –, sediadas em cidades diversas, como Patrocínio, Uberlândia, Rio Verde e Goiânia.

Em março de 2016 trabalhei como freelancer esportiva no Jornal Gazeta de Patrocínio, em minha cidade natal. Foram duas edições falando sobre peteca, enduro fim e o papel da mulher no esporte. Em agosto realizei ainda uma cobertura sobre a 2ª etapa da Liga Triangulina de Peteca 2016 realizada na cidade. Após essa cobertura, fui convidada a integrar a equipe do jornal. Continuei no Gazeta até março de 2017.

Minha maior responsabilidade no jornal eram as notícias esportivas, que se concentravam principalmente no futebol, visto que Clube Atlético Patrocinense (CAP) voltou às atividades naquele período e disputou o Campeonato Mineiro de Futebol; e na peteca, pois o Patrocínio Tênis Clube (PTC) possui uma equipe feminina forte e categorias

de base que estão constantemente disputando o pódio. Porém, minha função não incluía somente o esporte, sendo assim, fiz matérias sociais e políticas, como o debate eleitoral com os cinco candidatos a prefeito de Patrocínio.

Após sair do Gazeta em 2017, fui chamada pelo PTC para fazer a assessoria do clube, com foco nos eventos esportivos, visto que o clube possui diversas equipes. No entanto, enquanto realizava o período de experiência, saiu o edital para o Mestrado Profissional da UFU e optei então por me dedicar a ele e a Liga Triangulina de Peteca.

No mestrado, durante a disciplina de Oficinas de Análises Midiáticas, ministrada pelo Prof. Dr. Vinícius Dorne, produzi o artigo *Função enunciativa nas atitudes político-sociais de Sócrates*, sob a supervisão do Prof. Dr. Rafael Duarte Oliveira Venancio, sobre o valor político-social e cultural do futebol na sociedade, exemplificado nas atitudes do ex-jogador da Seleção Brasileira e do Corinthians. O esporte é mais do que resultados, questões técnicas e táticas, e é esse lado de cultura, emoção e causos que fazem meus olhos brilharem mais intensamente.

1.2 Introdução

O esporte está presente na sociedade e faz parte da cultura, atraindo atletas e admiradores. Entre as modalidades nacionais há a peteca, conhecida na infância pelo brinquedo de penas coloridas. Seja criança, adulto ou idoso, grande parte da população já jogou peteca na rua, na escola, na casa do amigo, no clube ou na praia, mas o que poucas pessoas sabem é que essa brincadeira é um esporte, com regras, competições e Federações.

As regras do esporte foram criadas em 1973, porém o esporte da peteca foi oficializado 12 anos depois na Segunda Sessão do Plenário do Conselho Nacional de Desporto (CND), conforme Deliberação nº 15/85 de 17 de agosto de 1985, em Brasília (FEMPE, 2019).

A peteca, no entanto, não é considerada um esporte olímpico, o que corrobora com a falta de profissionalização. Seus atletas são estudantes, médicos, dentistas, engenheiros, advogados, entre outras tantas profissões, e estão espalhados em 10 Federações Estaduais (Brasília, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, Goiás, Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Tocantins) filiadas à Confederação Brasileira de Peteca (CBP).

Criada em 1975, a Federação Mineira de Peteca (FEMPE) foi a primeira. A pioneira é considerada a mais forte, tendo 27 títulos de campeã geral e um título de campeão masculino¹ do Campeonato Brasileiro de Peteca, realizado há 32 edições. Há ainda o Praia Clube de Uberlândia, que disputa como uma delegação independente do estado mineiro quando sedia a competição – foram 11 edições –, e é uma potência na modalidade, sendo o único clube a ser bicampeão e oito vezes vice-campeão brasileiro (PRAIA CLUBE, 2019).

A história mineira e da peteca estão interligadas. Como ocorre essa relação entre Minas Gerais e a peteca enquanto esporte? Ou seja, como se tornou parte integrante da cultura mineira e como o estado auxiliou no reconhecimento e confirmação da peteca enquanto esporte?

Nosso objetivo principal é contar a história da relação entre o esporte peteca e o estado de Minas Gerais por meio de um livro-reportagem. Nossos objetivos específicos são registrar os acontecimentos do esporte na região, averiguar a presença de famílias mineiras no esporte, resgatar personagens e dados importantes e divulgar o esporte.

Para responder aos questionamentos e alcançar os objetivos, criamos como produto um livro-reportagem que conte a história dessa relação entre a peteca e Minas Gerais, assim como de seus envolvidos, por meio do diálogo com gerações de praticantes, organizadores e admiradores.

O livro não possui foco nas questões técnicas e táticas ou benefícios físicos e sociais que já foram retratados anteriormente na área de educação física, como averiguado nas análises de similares. Este trabalho coloca sob os holofotes as histórias, ou causos, proporcionados pela peteca em Minas Gerais e contados pelos adjuvantes, com a participação da autora, ou seja, trata-se de um livro-reportagem-história unido com um livro-reportagem-ensaio.

Sendo assim, esta pesquisa se justifica como um resgate de memórias e a valorização de um esporte culturalmente mineiro. Além disso, por meio da história da peteca em Minas Gerais, podemos perceber as características das épocas retratadas. A memória é essencial e precisa ser preservada, criando novas fontes de informação, algo possível por meio do jornalismo esportivo.

O jornalismo, no entanto, tem encontrado dificuldades relacionadas à “falta de preservação da memória esportiva no Brasil e do descuido das entidades (clubes, federações,

¹ Ao contrário das outras edições, em 2009, o Campeonato Brasileiro de Peteca foi dividido em dois, sendo um masculino e outro feminino. Naquele ano, a FEMPE conquistou o título brasileiro masculino, enquanto a Federação Paulista de Peteca (FEPAPE) venceu o Brasileiro feminino (PEDROSA, s.d.).

confederações) tanto em relação a dados atuais quanto a informações históricas” (UNZELTE, 2009, p. 27). Mas o panorama da memória esportiva tem mudado e “é cada vez maior o número de edições especiais ligadas ao tema, abordando a vida de antigos jogadores e a história dos clubes e de jogos memoráveis” (UNZELTE, 2009, p. 125).

Apesar de produção de novos livros e materiais voltados à memória esportiva, não há publicação sobre peteca que conte a história que desejamos preservar. Como visto na análise de similares e na pesquisa bibliográfica realizadas em novembro de 2017, os livros que falam sobre o tema são antigos (1976, 1980 e 2012) e focam na questão técnica e tática, não nos acontecimentos do esporte; há somente uma publicação de pesquisa que trata a história da peteca como recreação – não como esporte – na cidade de Belo Horizonte. Além disso, na análise comprovamos que os sites oficiais não possuem documentação histórica e atual satisfatória, bem como estão com áreas desatualizadas. A falta de publicações também é sentida pelos praticantes do esporte, que deixam a insatisfação registrada em grupos de conversa. O crescimento da peteca, o número de atletas, a importância cultural do esporte e o espaço vago deixado pela mídia possibilitam a produção mercadológica do livro-reportagem.

Embora ainda seja desvalorizado algumas vezes, é importante deixar claro que o jornalismo esportivo é jornalismo e possui processos e critérios como qualquer outra especialidade. Sendo assim, pesquisas como esta e outras desenvolvidas no programa ajudam no processo de afirmação do jornalismo esportivo enquanto temática da área de estudos.

Por fim, este trabalho consiste em uma dissertação contendo sete partes. Na primeira parte trouxemos o memorial acadêmico e a introdução ao tema, com apresentação do problema e objetivos. Na segunda parte, apresentamos o referencial teórico sobre a história da peteca; o jornalismo literário e a produção de um livro-reportagem; e, por fim, jornalismo esportivo e memória. Expusemos ainda a narratologia atuacional de Greimas – como ela se encaixa no livro *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* – e o paradigma indiciário de Ginzburg, utilizadas como metodologia. Na terceira parte, trouxemos os procedimentos metodológicos realizados: entrevistas, escrita, imagens, edição e diagramação. Demandas mercadológicas compõem a quarta parte. A sexta parte consiste nas Referências. Finalizamos a dissertação com os Anexos: regras da peteca e autorização de uso de imagens e depoimentos, e com o Apêndice: uma prévia do livro final.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Peteca

A origem da peteca vem dos indígenas, antes da colonização portuguesa. Os nativos criaram o artefato com materiais encontrados na natureza e jogavam de forma livre, como lazer, sem as regras esportivas, a tática e a técnica padronizadas (SANTOS, 2011; QUEIROZ, 2012; PEDROSA, s.d.). Pe'teka, em Tupi, significa “bater com a palma da mão” – em outras tribos indígenas possui diferentes denominações e formas de jogar – e, segundo Santos (2011, p. 18), refere-se a “uma manifestação lúdica de movimento humano, uma maneira de se relacionar com o mundo”.

O “brinquedo constituído por 1 duplo disco de pano, couro, palha, etc. recheado de estopa ou de lã, ao qual estão presas várias penas e que se arremessa para o ar com golpes de mão espalmada” (PEREIRA JR., 1976, p.1) se popularizou – especialmente no interior do Brasil e no período de colheita do milho, devido ao material utilizado na produção do objeto – e passou a ser uma brincadeira comum rebater a peteca e não a deixar cair. A partir dessa brincadeira que começou a transformação em esporte.

Durante a estreia do Brasil nos Jogos Olímpicos de Verão em 1920, em Antuérpia, Bélgica, a peteca foi alvo de interesse. Apesar de não ser uma das modalidades disputadas, os brasileiros usavam a peteca para aquecimentos e despertaram a curiosidade dos estrangeiros ali presentes.

Segundo Mazzoni (1931), o dr. José Maria Castelo Branco, chefe da Delegação Brasileira, recebeu – primeiramente dos finlandeses e posteriormente de outros europeus – pedidos de exemplares do regulamento daquele esporte novo. Como não haviam sido até então documentadas as regras, Castelo Branco se comprometeu a enviá-las quando chegasse ao Brasil. “De regresso ao Rio de Janeiro, o dr. Castelo Branco, para cumprir a sua palavra teve que elaborar as regras da peteca e fazê-las imprimir” (MAZZONI, 1931, p. 26).

O esporte, no entanto, era muito diferente do praticado atualmente, se assemelhando ao vôlei no início, sendo jogado por cinco jogadores em cada equipe e em uma quadra com dimensões maiores (MAZZONI, 1931), e posteriormente ao tênis, onde se desenvolveu e passou a ser jogado em duplas ou individualmente. “Para os torneios, as semelhanças [com o tênis] continuaram até a década de 1980, como as roupas brancas – masculinas e femininas – constatadas na foto do 1º Campeonato Brasileiro de Peteca, realizado num clube de tradição tenista. Outra aproximação entre os dois é a adoção da prática pela elite da cidade” (SANTOS, 2011, p. 79).

Há também muitas diferenças com o tênis. Ao contrário do esporte de origem inglesa, no jogo da peteca há muita comunicação entre os jogadores, o que é facilitado pelas dimensões da quadra, menores do que no tênis. Além disso, a peteca é um esporte mais barato do que o tênis, devido a não necessitar de equipamentos especiais ou sofisticados.

Refiro-me à peteca como jogo por dois motivos: a simplicidade da prática e a possibilidade de adaptação de espaços, materiais e regras que estimulam a brincadeira. A experiência de quem pratica tem efeito à medida que se brinca com o espaço, com o tempo e, principalmente, com o parceiro por meio do objeto peteca. A prática, revestida de significados remotamente lembrados pela sua origem na cultura popular brasileira, faz parte da cultura mineira, ou seja, da tradição que a confere identidade local e regional. (SANTOS, 2011, p. 80).

Segundo Pereira Jr. (1976), a aceitação inicial do esporte foi pequena e demorada, principalmente por estar restrita a atletas mais velhos e determinados clubes, como o Iate Golf Club em Belo Horizonte. “O Iate Clube, antes da formação da Lagoa da Pampulha, foi o precursor em 1943. Depois veio o Minas” (DRUMMOND, 2017). “Chegando ao Minas Tênis Clube, ali se firmou (a princípio restrito), e se espalhou para os outros clubes e casas de Belo Horizonte e adjacências. Em 1974, o sangue novo da juventude foi requisitado para a prática e competição do até então, considerado mero brinquedo recreativo” (PEREIRA JR., 1976, p.2). Foi na capital mineira, aliás, que a prática da peteca se difundiu e firmou, posteriormente expandindo para o interior mineiro.

Como foram muitas as mudanças no esporte, as regras escritas em 1920 não serviam mais para a prática da peteca. Assim,

Um mineiro em especial foi essencial para o crescimento desse esporte. Em 1973, Cícero Cerqueira Pereira Júnior, hoje com 76 anos, foi convidado para organizar um torneio de peteca no Iate. Para conseguir realizar uma competição, ele teve que criar as primeiras regras, já que não havia qualquer regulamentação quanto a isso.

“Jogava-se na quadra de vôlei, nas medidas desse esporte. Não havia uma regulamentação para os jogos, nem de tempo ou de sets. Resolvi então criar algumas normas, que acabaram se tornando as regras. As partidas eram de 20 pontos. O primeiro passo foi passá-las para três sets de 15 pontos. Isso deu uma lógica ao jogo”, conta Cícero.

Mas haviam outros problemas, como por exemplo, a base da peteca, redonda, de borracha ou ainda de couro, ser escura. A solução, segundo Cícero, foi bem simples: “Era preciso melhorar a visualização do objeto para o jogador. Coloquei, então, uma fita branca nessa base. Pronto. Ela já podia ser vista à noite”, explica. (DRUMMOND, 2017).

Dessa forma, com as primeiras regras do esporte que conhecemos hoje intituladas em 1973, foi incentivada a criação da Federação Mineira de Peteca (FEMPE), a primeira Federação do esporte, em 14 de junho de 1975. A pioneira “é consequência da demanda natural da prática desse jogo, à vista de sua crescente especialização e o elevado número de praticantes, desde aquela época. A partir de então, a FEMPE passou a lutar pela oficialização da peteca como prática esportiva” (FEMPE, 2019).

Em 1980, a cidade de Belo Horizonte já possuía diversos torneios, com variações nos regulamentos de acordo com cada competição e seu organizador. Em 1981 e 1983 foram realizadas duas competições no Campo do Lazer² que despertaram o interesse da Panda Promoções e Eventos, uma empresa de organização de eventos dos irmãos da família Zech Coelho, que viam potencial de marketing por meio do esporte devido a expressiva participação do público e ao sucesso dos torneios de peteca. “A empresa administrava o evento e fazia o trabalho de promoção e divulgação contando com a estrutura física do Campo do Lazer. A realização técnica era feita pelos funcionários da SMES [Secretaria Municipal de Esportes de Belo Horizonte], coordenada por Coutinho” (SANTOS, 2011, p. 58).

A Panda Promoções e Eventos montou um projeto de torneio e procurou o Estado de Minas e o Banco Itaú para serem parceiros. O Banco Itaú “queria exatamente ‘emineirar’ a marca dele. Dar uma cara mineira na marca que era muito paulista. Com isso acho que foi atingido o objetivo porque nada mais mineiro do que a peteca, não é?” (COELHO, 2010 apud SANTOS, 2011, p.58).

Surgiu então a competição destaque na década de 1980: a Copa Itaú de Peteca. Mesmo tendo a sua primeira edição em 1983, o torneio se intitulava III Copa Itaú de Peteca (Figura 1), devido aos torneios realizados no Campo do Lazer em 1981 e 1982.

² Inicialmente tratava-se do Estádio Presidente Antônio Carlos localizado no bairro Lourdes, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O espaço, porém, foi desapropriado e em 1980 tornou-se um local para lazer comunitário sob os cuidados da Secretaria Municipal de Esportes (SMES). Chamado Campo do Lazer, o espaço possuía quadras de peteca e foi muito importante para o início da peteca enquanto esporte, sendo sede de campeonatos importantes na década de 1980 e início de 1990. O Campo do Lazer não existe mais, em seu endereço encontra-se atualmente o shopping Diamond Mall (SANTOS, 2011).

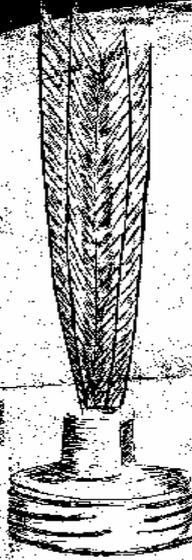
Figura 1 – Divulgação da III Copa Itaú de Peteca no Jornal Estado de Minas, 1º caderno, 9 out. 1983, p. 34

III COPA ITAÚ DE PETECA

E a peteca ainda não caiu

Os jogadores da equipe de Belo Horizonte, que seguraram a peteca e garantiram o maior recorde de participantes numa competição esportiva no Brasil. 3.334 atletas se inscreveram nas diversas categorias. Agora, petecas para o ar porque ninguém é de ferro! Aos sábados e domingos a partir das 8 da manhã até às 18 horas no Campo de Lazer, na Av. Olegário Maciel, entrada franca para todos os que desejam ver de perto os maiores petecadores do Brasil. Não abra a mão dessa oportunidade. Vá lá e confira! **

114 duplas e seus reservas. Todos querendo os prêmios de passagens aéreas e estada nos melhores hotéis da Bahia. * Pegue as tabelas com o Alvaro.



Itaú 

III Copa Itaú de Peteca

Jalir - Chuzza

Patrocínio:
Itaú
Associação
O CARIÓTIPO MAIS FACIL PARA VOCE
SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES E FEMP
Promoção:
ESTADO DE MINAS
DIÁRIO DA TARDE
RADIO GUARANI/FM
TVALTEROSA

ESTADO DE MINAS — Domingo, 9 de outubro de 1983 — 1º caderno — 34

Campeão

Fonte: Santos (2011, p. 59).

A Copa Itaú tinha o regulamento específico feito pela FEMPE de acordo com as regras e tinha como novidade a participação de três jogadores, sendo dois titulares e um reserva. Além disso, o torneio oferecia troféus e viagens às equipes campeãs.

Outra novidade foi o fato de patrocínio maciço de uma modalidade reconhecida em Belo Horizonte, que se difundia por Minas Gerais e se tornava conhecida em outros Estados, ser destacadamente veiculado pela mídia. O recorte do Estado de Minas vem evidenciar o impulso que a modalidade tomou a partir de 1983. A matéria de divulgação do jornal remete, ao mesmo tempo, ao grande tempo de peteca em jogo que as regras possibilitavam na época e à expressão popular de não deixá-la cair. Nesse ano, foram 1.114 equipes, com jogos em finais de semana, enquanto a luz do dia oferecesse condições para jogo. (SANTOS, 2011, p. 60).

O sucesso foi grande e a Copa Itaú promovida pela Panda Produções se manteve de 1983 a 1993, quando teve sua última edição em BH. No mesmo ano em que realizou sua última competição na capital, a I Copa Itaú no interior mineiro foi realizada. O Banco Itaú, juntamente com o Praia Clube, promoveu mais 10 edições em Uberlândia, sendo a última realizada no Praia Clube em 2002. Na capital, a competição promovida pela Panda mudou de patrocínio e nome em 1994 para Brahma, depois para Kaiser em 1995 e 1996 e, por fim, para Chevrolet em 1997 e 1998³.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a peteca tomou novos rumos e impactou o lazer na cidade a partir da combinação de uma série de fatores:

1. a ocupação de um espaço público de lazer por uma parcela crescente da população interessada numa prática específica de lazer;
2. a realização de eventos de participação popular realizados pela iniciativa privada com o apoio da Secretaria Municipal de Esportes divulgados pela mídia;
3. a reivindicação pelos cotistas de clubes pelo aumento do número de quadras em seus respectivos clubes, reforçando um processo de estabelecimento da modalidade iniciado nas décadas anteriores;
4. a indústria imobiliária: a ampla construção de quadras em condomínios impulsionou a prática da peteca e essa valorizou os lançamentos da época. (SANTOS, 2011, p. 64).

Apesar da “febre” da peteca no início da década de 1980 enquanto lazer, a peteca foi oficializada como esporte somente em 17 de agosto de 1985, em Brasília, na Segunda Sessão do Plenário do Conselho Nacional de Desporto (CND), conforme Deliberação nº 15/85.

Em 01 de abril de 1986, a [Confederação Brasileira de Desportos Terrestres] CBDT nomeou o desportista Walter José dos Santos, para dirigir seu Departamento de Peteca, codificar as regras e regulamentos para possibilitar em 1987, a realização do Primeiro Campeonato Brasileiro de Peteca. No dia 06 de novembro de 1986, realizou-se, em Belo Horizonte, a primeira reunião especialmente convocada para o estudo das providências. (FEMPE, 2019).

³ Informações fornecidas à autora por Ricardo Caldeira em entrevista no dia 09/06/2019.

Antes do 1º Brasileiro, no entanto, foi realizado no 1º Campeonato Mineiro Adulto, em junho de 1987, com 125 atletas distribuídos em 42 equipes e representando 10 clubes. Com contagem de tempo de 20 minutos, foram disputados 70 jogos (SANTOS, 2011).

O 1º Campeonato Brasileiro de Peteca (Figura 2) foi realizado em agosto de 1987 no Pampulha Iate Clube e contou com a participação das seleções de Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal. Segundo dados da SMES, ao todo foram 136 atletas divididos em 8 categorias.

Figura 2 – Abertura do I Campeonato Brasileiro de Peteca



Fonte: Santos (2011, p. 68).

A realização de uma competição nacional auxiliou na divulgação do esporte. A peteca cresceu para fora do estado de Minas Gerais e, desta forma, surgiram novas Federações: Federação Goiana de Peteca (FEGOPE), Federação Paulista de Peteca (FEPAPE), Federação Brasiliense de Peteca (FEBRAPE), Federação de Peteca do Estado do Rio de Janeiro (FEPETERJ), Federação de Peteca do Estado de Rondônia (FEPERON), Federação Catarinense de Peteca (FECAPE), Federação Paranaense de Peteca (FEPPE), Federação Sul Matogrossense de Peteca (FESULPE) e Federação Tocantinense de Peteca (FETOPE). No

entanto, atualmente sete Federações estão ativas: FEMPE, FEPAPE, FEGOPE, FEPPE, FETOPE, FEBRAPE e FEPERON⁴.

Com a criação das Federações, passaram a existir e serem fundamentais as competições estaduais. O Campeonato Mineiro foi realizado pela primeira vez em 1987, sendo organizado anualmente pela FEMPE e somando 32 edições até o momento. Na década de 1990, havia etapas Regionais para decidir quais equipes disputariam a etapa final do Mineiro; atualmente são duas etapas por ano para decidir o campeão mineiro entre os 14 clubes filiados: Praia, PTC, Associação Atlética Banco do Brasil de Belo Horizonte (AABB – BH), Jaraguá Club, MaxMin Clube, Minas Tênis Clube, Clube Náutico de Sete Lagoas, Associação Recreativa Oi ART (Oi ART), Olympico Club, Pampulha Iate Clube, Caiçaras Country Clube, Associação Atlética Banco do Brasil de Manhuaçu (AABB – Manhuaçu) e Mackenzie Esporte Clube (FEMPE, 2019).

Os campeões de cada estadual organizado pelas Federações garantem vaga na disputa do Campeonato Brasileiro de Peteca. Além disso, o clube-sede da competição adquiriu o direito de disputar o Brasileiro de maneira independente do Estado. O Brasileiro passou também a ser disputado em novembro como forma de encerrar o calendário anual.

A Confederação Brasileira de Peteca (CBP), no entanto, foi criada somente no ano 2000 e teve como primeiro presidente Lázaro Soares, do Praia Clube de Uberlândia, Minas Gerais⁵. O Praia Clube já se destacava no cenário, tendo ganhado o Mineiro de Clubes e sediado a Copa Itaú. Até 2019, o Praia sediou o Brasileiro por 11 edições – a mesma quantidade de vezes que disputou como delegação independente do estado de Minas Gerais (Figura 3) –, e foi o único clube a ser bicampeão brasileiro em 2010 e 2013 e oito vezes vice-campeão (PRAIA CLUBE, 2019), além de sediar etapas do Mineiro.

⁴ Informação fornecida à autora por Juliano de Oliveira, atual presidente da CBP, em entrevista no dia 15/04/2019.

⁵ Informação fornecida à autora por Ricardo Caldeira em entrevista no dia 27/03/2019.

Figura 3 – Delegação do Praia Clube na 31ª edição do Campeonato Brasileiro



Fonte: Praia Clube (2019).

Além das competições estaduais e do Brasileiro, são realizados vários torneios durante o ano – alguns filiados à Federação e outros abertos. A Liga Brasileira de Peteca, que está na 24ª edição, é realizada pela CBP e carrega a fama de contar com os melhores competidores do país se enfrentando. Os petequeiros se enfrentam em quadras montadas dentro de shoppings. Anteriormente, os convites para disputar a Liga Brasileira eram feitos pelo promotor do evento e pelo presidente da Confederação, para posteriormente adotarem o ranking da Peteca Esporte Clube (PEC) Brasil.

Criado em 2015 por Paulo Caixeta⁶, com sede em Patos de Minas, Minas Gerais, e inspirado no sistema de ranqueamento da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), a PEC promove o Circuito Brasileiro de Peteca que “conecta os quatro pilares de sustentação do esporte: Atletas, Clubes, Torneios e Parceiros” (PEC Brasil, s.d.). Trata-se de uma empresa privada colaborativa, não uma entidade⁷.

Em 2016, seu primeiro ano na prática, foram realizados 25 torneios e o Ranking PEC foi aprovado como critério de entrada para Liga Brasileira e para o Brasileiro de 2017 – continua até hoje. Além disso, o Ranking PEC passou a ser critério de entrada para a categoria profissional (PRO) de alto rendimento dos torneios credenciados. Inicialmente tratava-se de um ranking único para a categoria PRO, porém, em 2018 foi ampliado para todas as categorias e faixas etárias⁸.

⁶ O fundador contou com o auxílio para programação no site de Jarrier Laurentino e os conselhos do atleta Vitor Torres e do ex-presidente da FEMPE Eustáquio de Queiroz. Além do apoio dos clubes, atletas e promotores.

⁷ Informações fornecidas à autora por Paulo Caixeta em entrevista no dia 16/04/2019.

⁸ Informações fornecidas à autora por Paulo Caixeta em entrevista no dia 16/04/2019.

O circuito PEC possui um calendário unificado dos principais torneios nacionais de peteca e soma pontos para o Ranking PEC. Atualmente são em média 25 torneios credenciados, além dos cinco campeonatos estaduais, totalizando 30 competições anualmente que oferecem pontuação no Ranking PEC⁹. A pontuação distribuída em cada competição é definida junto aos promotores dos eventos e varia do PEC 250, PEC 500, PEC 1000 ao STAR PEC (Figura 4).

Figura 4 – Distribuição de pontos em função da Série de Pontuação e Colocação

		Star PEC	PEC 1000	PEC 500	PEC 250
1ª Classe	Campeão	2000	1000	500	250
	Vice Campeão	1200	600	300	150
	Semi Finalista (até 4º)	720	360	180	90
	Quarto Finalista (até 8º)	360	180	90	45
	Oitavo Finalista (até 16º)	200	100	50	25
2ª Classe	Campeão	360	180	90	45
	Vice Campeão	200	100	50	25
	Semi Finalista (até 4º)	120	60	30	15
	Quarto Finalista (até 8º)	80	40	20	10
	Oitavo Finalista (até 16º)	40	20	10	5

Fonte: PEC Brasil (s.d.).

Para pontuar no Ranking PEC é necessária a participação dos atletas nos torneios credenciados, visto que todos os jogadores participantes recebem pontuação: quanto melhor a colocação, maior a pontuação. Além disso, “será computado e registrado os pontos por atleta (perfil individual) e por equipe (perfil da dupla/trio)” (PEC Brasil, s.d.), ou seja, o atleta recebe pontos nas duas categorias, pois as duplas/trios são voláteis, assim o petequeiro não é prejudicado no ranking individual ao trocar de dupla entre uma competição e outra. “O Ranking PEC é formado pelos resultados conquistados pelos atletas nos últimos 12 meses, após este período a pontuação expira automaticamente” (PEC Brasil, s.d.), assim como os campeonatos são anuais, o Ranking PEC também.

Um dos torneios que tem mobilizado os atletas e está credenciado no circuito PEC é a Liga Triangulina de Peteca, criada em 2015 e produzida por Leonardo Assis com o intuito de resgatar o esporte no Triângulo Mineiro, de onde já saíram grandes atletas de destaque

⁹ Informações fornecidas à autora por Paulo Caixeta em entrevista no dia 16/04/2019.

nacional. Apesar de jovem, a Liga Triangulina ganhou importância e está reunindo atletas de várias gerações. Em sua 2ª etapa de 2018, realizada entre os dias 27 e 29 de julho, no Praia, a Liga Triangulina bateu recorde de inscritos em torneios abertos (sem filiação), totalizando mais de 190 atletas de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Distrito Federal distribuídos em 10 categorias. Além de valorizar os atletas mineiros que já ganharam destaque e mais do que possibilitar a disputa de alto nível entre profissionais, a Liga Triangulina busca também abrir espaço para novos adeptos do esporte, para as novas gerações e para os amadores.

A 2ª etapa da Liga Triangulina de 2019, também realizada no Praia entre 17 e 19 de maio, reuniu 24 grandes petequeiros de gerações diversas para o desafio All Star: Encontro de Gerações e 269 atletas no total, recorde de petequeiros em uma competição aberta credenciada ao PEC (Figura 5). As competições, aliás, se tornaram um grande encontro de amigos.

Figura 5 – Quadra principal da 2ª Liga Triangulina 2019 cercada pelo público



Fonte: Liga Triangulina (2019).

Santos (2011) em sua dissertação sobre a prática de peteca enquanto lazer questionou aos entrevistados “o que é ser petequeiro” (termo utilizado no meio esportivo para definir

seus praticantes) e com base nas respostas concluiu que “evidenciam uma relação da modalidade muito próxima da competição, do prazer, das amizades” e destaca que “sua relevância não evidencia uma separação entre vitoriosos e derrotados, oponentes que medem suas forças e após a competição recolhem-se de volta cada qual ao seu mundo. A competição, ao contrário, parece adquirir clima de celebração pelo prazer em competir aproximando os que jogam” (SANTOS, 2011, p. 82).

Além disso, outra relação que mantém o esporte ativo é a familiar. Quadras eram construídas em casas ou condomínios e são inúmeros os casos de familiares que começaram a brincar e posteriormente competir na peteca.

Leonardo Assis, professor da modalidade no Praia e atleta há 20 anos, é um desses exemplos. “Meu primo veio a um campeonato em Uberlândia, viu algumas crianças jogando e voltou para Patrocínio com isso na cabeça. Então chamou dois primos e eu para treinarmos e desde aí não paramos mais”, conta. A família inteira se envolveu e são vários os membros que já competiram. “É um esporte com tradição de anos, jogam avôs, pais, netos, filhos”.

Adriana Pinheiro, coordenadora de peteca de competição do Praia Clube também entrou no esporte por influência da família. Seus filhos jogavam pelo clube e, por sempre acompanhá-los, descobriu a paixão há quase 25 anos. Estudou e há dois anos trabalha na área, viajando com a equipe e organizando competições. (SILVA, 2015).

Durante as competições, não são raras às vezes em que um pai ou uma mãe atleta se encontra na beirada da quadra orientando seus filhos em jogos oficiais. É possível ver também os jovens petequeros marcando o tempo de peteca para os pais ou lhes entregando premiação no pódio. Trata-se de uma comunhão de gerações.

Há ainda competições abertas que possibilitam que pais e filhos joguem juntos, como ocorreu com o pai José Adolfo e o filho Douglas Silva que disputaram a categoria adulto da 3ª etapa da Liga Triangulina de 2018, realizada no PTC, em Patrocínio; assim como a mãe Valdete Parreiras e o filho João Pedro que jogaram o Aberto Mineiro de Peteca 2017, realizado no Minas Shopping, em Belo Horizonte.

2.2 Jornalismo Literário e Livro-Reportagem

Para compreendermos a junção entre jornalismo (real) e literatura (ficcional) e como funciona essa relação atualmente, é importante distinguir em que ponto histórico os dois se encontram e interagem. Sendo assim, Pena (2007) traz o quadro evolutivo do jornalismo de

cinco épocas distintas propostas por Ciro Marcondes Filho e identifica dois períodos de influência:

- Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores, políticos e intelectuais.
- Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa. (PENA, 2007, p. 47).

Durante o primeiro e o segundo jornalismo, grandes escritores encontraram nos jornais um novo público e espaço para exporem suas palavras, marcando a presença de uma linguagem folhetinesca no conteúdo dos jornais, como foi o caso do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, do seu irmão Mário Filho, e da escritora e jornalista Clarice Lispector. Segundo Pena (2007), os escritores e as suas narrativas literárias em jornais, os patrocinadores e o aumento de tiragens foram os precursores do jornalismo literário, que posteriormente possuiria um conceito mais amplo e subgêneros.

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2007, p.48-49).

Essas características formam a estrela de sete pontas de Pena sobre jornalismo literário. A primeira ponta é sobre potencializar os recursos do jornalismo, ou seja, as técnicas narrativas do jornalismo diário (apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética, a capacidade de se expressar claramente, entre outros) não são desprezadas, mas desenvolvidas.

A segunda ponta é ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. “O jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade” (PENA, 2007, p. 49), ou seja, não é necessário se preocupar com o deadline e com o espaço tempo imediato, mas sim com uma ampla visão, uma contextualização abrangente, que é a terceira ponta. “É preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2007, p. 49).

A quarta ponta é exercitar a cidadania, o dever do jornalista para com a sociedade. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. Não, isso não é um clichê. Chama-se espírito público” (PENA, 2007, p. 50).

A quinta ponta é o rompimento com o lide (responder no primeiro parágrafo de uma reportagem seis questões básicas: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê?), que traria objetividade ao texto jornalístico, diminuindo a subjetividade. Porém,

A opinião ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de auto-proteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa. (PENA, 2007, p.50).

A sexta ponta é evitar os definidores primários, as fontes oficiais (governadores, ministros, advogados, psicólogos, entre outros) que estão sempre na mídia. “Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2007, p. 50).

A sétima e última ponta é a perenidade, visto que o jornalismo literário tem como objetivo a permanência e a profundidade. “Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2007, p. 50-51).

É válido lembrar que

O eixo condutor de tudo é o reportar, a arte de você partir a campo para o mundo, vivenciar uma situação, testemunhar acontecimentos, interagir como pessoas imersas nas suas circunstâncias particulares de vida e de seu momento histórico, dar significado à realidade que você constata e expressar tudo isso, num texto, com vivacidade, vigor, valor estético e validez. (LIMA, 2009, p. XV).

O jornalismo literário pode ocupar espaço em jornais, revistas, livros, entre outros, mas migrou e encontrou posição de destaque na produção de livro-reportagens. Segundo Lima (2009), o livro-reportagem é um subsistema do jornalismo, incorporando técnicas jornalísticas, como produção, redação e edição, e sendo inclusive produzido por um jornalista. Livro-reportagem provém, como o nome indica, das reportagens que são uma visão ampliada das notícias.

É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande-reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o lead e as pirâmides já mencionadas. (LIMA, 2009, p. 18).

Lima (2009, p. 352) explica que "nem sempre é possível ao autor, numa revista ou jornal, aprofundar um tema como gostaria. Aí é que entra o potencial do livro-reportagem e é aí que se casa muito bem com o jornalismo literário". Assim, definimos livro-reportagem como

o veículo de comunicação impresso não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos. Esse "grau de amplitude superior" pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26).

A horizontalização dos relatos refere-se à extensão em termos de detalhes quantitativos (informações, números e dados) sobre o tema. Enquanto que a verticalização refere-se ao aprofundado qualitativo do tema (desdobramentos, articulações). Além disso, o livro-reportagem não tem caráter momentâneo, é um meio de comunicação que eterniza um acontecimento, um personagem, uma história.

O livro-reportagem possui como características marcantes a variedade: de temáticas que podem ser trabalhadas – neste caso, a peteca; e de ângulos, ou seja, enfoque dado – dos adjuvantes.

Lima (2009) propõe a classificação do livro-reportagem em 13 categorias, de acordo com o tema e/ou tratamento narrativo. São elas: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem-nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem-antologia, livro-reportagem-denúncia, livro-reportagem-ensaio e livro-reportagem-viagem.

Para a construção do livro *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* utilizamos duas categorias: livro-reportagem-história e livro-reportagem-ensaio.

Segundo Lima (2009), o livro-reportagem-história

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distantes no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. (LIMA, 2009, p. 54)

Dessa forma, a escolha se justifica por fazer um resgate histórico da peteca em Minas Gerais desde a década de 1980 aos dias atuais. Essa trajetória é explicada devido ao tema, uma vez que é preciso contextualizar o assunto. Além disso, estamos falando de um assunto que tem voltado ao lugar de destaque no presente: o reconhecimento da peteca enquanto esporte.

Por outro lado, Lima (2009) define que o livro-reportagem-ensaio

Tem como forma a postura de ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor. Quanto ao tratamento de texto, emprega sobretudo, a função expressiva da linguagem, na terminologia de Jakobson. O uso do foco narrativo na primeira pessoa é frequente no decorrer do livro. (LIMA, 2009, p. 58).

A escolha pelo livro-reportagem-ensaio se deve a forma como o livro foi escrito, visto que a autora está presente na história a ser contada e opta por se colocar no livro, seja como observadora ou participante ativa, o que reflete na linguagem e na evidência de opinião.

Além de definir sobre a forma e a escrita do livro-reportagem com base em jornalismo literário, é necessário abordamos sobre jornalismo esportivo, devido à temática do *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair*.

2.3 Jornalismo Esportivo e Memória

O jornalismo esportivo é antes e acima de tudo o próprio jornalismo. Nesta área são exercidas técnicas jornalísticas, é necessária pesquisa, conhecimento e essencialmente se passa uma informação.

Para ser um bom jornalista esportivo, não basta saber as escalações das equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, “entender”, enfim, de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados). (UNZELTE, 2009, p. 9)

Além de apurar dados, o jornalista precisa estar atento à memória. “Por meio dela consegue-se construir a história das equipes e estabelecer ídolos, lendas, recordes e rivalidade, dados utilizados constantemente para comparar equipes e jogadores” (VENANCIO; SILVA, 2016, p. 257).

Para acessar esses dados, o jornalista busca por informações documentais, o que se torna difícil devido “a falta de preservação da memória esportiva no Brasil e do descuido das entidades (clubes, federações, confederações) tanto em relação a dados atuais quanto a informações históricas” (UNZELTE, 2009, p. 27), problema notado neste trabalho, por exemplo, visto que os sites das entidades não possuem informações documentais. Sendo assim, recorreremos ao depoimento oral.

No entanto, o panorama da memória esportiva tem mudado e

começa a marcar presença, e com qualidade, na publicação de livros e no espaço que as revistas, jornais e emissoras de rádio e televisão vêm dando à história do futebol e do esporte em geral. É cada vez maior o número de edições especiais ligadas ao tema, abordando a vida de antigos jogadores e a história dos clubes e de jogos memoráveis. (UNZELTE, 2009, p. 125).

A memória reconstrói uma época e explica tradições, porém é importante destacar que há interferência do produtor de conteúdo na escolha dos elementos específicos.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1990, p. 535).

As memórias do esporte são reais, mas passaram por interferências, como a escolha dos entrevistados, a ausência de documentação e também os sentimentos dos apaixonados pelo esporte.

Unzelte (2009, p. 27) destaca que “o jornalista deve estar atento para descrever o que vê, a ambientação e o grau de emotividade”. A vivência no meio e essa percepção são características importantes e que permitem o jornalista se destacar e se diferenciar, pois “existe uma diferença gritante entre o resultado das matérias que são feitas a distância e aquelas que foram apuradas in loco, em que o repórter fala pessoalmente com a fonte, vê onde ela mora ou trabalha, como se veste, como se reage às perguntas”. (UNZELTE, 2009, p. 28).

Nelson Rodrigues observa com grande propriedade o sentido de que o esporte e o futebol, particularmente, não podem ser resolvidos apenas em equações numéricas de avaliação de desempenho, seja por número de pontos, gols, marcas etc., uma vez que se trata, efetivamente, de práticas lúdicas cuja dimensão extrapola o próprio resultado da competição. (MARQUES, 2000, p. 36).

Por reconhecer que um jogo não se resume ao placar final, mas ao conjunto e também a emoção, Nelson Rodrigues tornou-se um destaque no jornalismo literário esportivo.

Crônicas recheadas de drama e de poesia enriqueciam as páginas de jornais em que Nelson Rodrigues e Mário Filho escreviam [...]. Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses (COELHO, 2003, p. 17).

Precisamos lembrar também que “o esporte, além de jogado, é falado. Contamos histórias sobre esportistas passados, narramos a ação do esporte no presente e discutimos o seu futuro. Tudo isso pelo universo da linguagem” (VENANCIO, 2015, p. 236). Por isso, no jornalismo esportivo precisamos não apenas da “formação que é dada pelo próprio jogo, mas também aquela acerca de como falar sobre o jogo” (VENANCIO, 2015, p. 236).

Para esta formação, Venancio (2015) mostra o esporte como fomentador de cultura e imaginário e depois se debruça em duas categorias: o objeto do esporte (competições, jogos, o esporte em si), estudado na ideia de história enunciativa, e o sujeito do esporte (atletas, técnicos, torcedores), estudado pela narratologia. A segunda é a utilizada na produção do livro-reportagem.

Em primeiro momento, é importante deixar claro que o “esporte é um dado cultural de qualquer sociedade” (VENANCIO, 2015, p. 237). Para classificar o que é cultura, Kroeber (1993) fez uma subdivisão em sete grandes grupos, sendo o quinto grupo o de nosso interesse: “cultura como aquilo que está por trás das atitudes de um povo, ou seja, uma estrutura inconsciente que modela os comportamentos, pensamentos e posicionamentos das pessoas no mundo; como um modelo, uma estrutura, um padrão” (CUNHA, 2010, p. 22-23 apud VENANCIO, 2015, p. 237).

A partir dessa definição de cultura, desenvolve-se a corrente que se expande para as práticas sociais como o esporte em que descreve a “cultura como sistemas estruturais, onde a cultura é definida como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana (Lévi-Strauss)” (CUNHA, 2010, p. 28 apud VENANCIO, 2015, p. 237-238), ou seja, universo de bricoleur no qual há um fluxo com atualizações, variações e recordações.

Olhemos [o bricoleur] em atividade: excitado por seu projeto, sua primeira providência prática é, no entanto, retrospectiva: ele deve voltar-se para um conjunto já constituído, formado de instrumentos e de materiais; fazer-lhe ou refazer-lhe o inventário; enfim e sobretudo, estabelecer com ele uma espécie de diálogo para inventariar, antes de escolher, as respostas possíveis que o conjunto pode oferecer ao problema que ele lhe apresenta. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 28 apud VENANCIO, 2015, p. 238).

Dessa forma, Venancio (2015, p. 238) afirma que “a prática do esporte possui atividades culturais e comunicacionais relacionadas graças a esse eterno refazer que a cultura possui de acordo com Lévi-Strauss. ‘Eterno refazer’ esse que é o próprio material do imaginário”.

Para entender o imaginário, usamos o sistema RSI (real, simbólico, imaginário) proposto por Lacan que define “o real é inalcançável e o simbólico é a ordenação desse real através da linguagem, causando suas faltas e falhas no inconsciente do sujeito, o imaginário é o lugar do desejo, da completude, das 'nuvens” (VENANCIO, 2015, p. 238). Nessas nuvens, o desejo se desvia da relação entre sujeito e objeto e é nesta relação entre sujeito e objeto que nos deparamos com o fantasma. O fantasma (ou fantasia) é a fórmula onde o sujeito se expressa e significa, ou seja, a junção (pelo desejo) do objeto e do que falta dele (significado e expressão).

Segundo Venancio (2015, p. 239), “o eterno refazer da cultura é o imaginário construído através da lógica de interação entre real e simbólico no sistema lacaniano. O esporte é composto por esses refazeres”. O jornalista esportivo possui então a função de compreendê-los e dar-lhes expressividade, sendo um bricoleur do esporte. É dessa forma que o jornalista constrói as categorias a serem debatidas a seguir: objetos e sujeitos.

A primeira categoria é objeto do esporte, que consiste em competições, jogos e o esporte em si. Para estudá-la, utiliza-se a história enunciativa em que o objeto do esporte é tratado como enunciados compartilhados pela cultura esportiva. A história enunciativa faz parte da interface entre História das Ideias e Análise do discurso. Categoria não utilizada neste trabalho.

A segunda categoria estuda por Venancio (2015) é do sujeito. Venancio (2015) propõe a narratologia e o modelo atuacional de Greimas como método de estudo em que os sujeitos possuem seus papéis e suas relações de oposição em um espetáculo.

O jornalista esportivo trabalha com esses atores, ora sujeitos, ora adjuvantes, ora oponentes, mas sempre humanos que trabalham com o

esporte. A narratologia com os modelos greimasianos ajudam a narrar as 'estórias' que compõe a 'história' do esporte. Colocar, seja em pauta, seja em pesquisa, os humanos do esporte nos modelos narratológicos, nos fazem entender como, no eterno refazer da cultura que Levi-Strauss propõe, narrativizamos o mundo à nossa volta. (VENANCIO, 2015, p. 247).

Para compreender narratologia e como se aplica o modelo atuacional no jornalismo esportivo, falamos sobre a metodologia de Greimas no tópico a seguir.

2.4 Narratologia de Greimas

Como vimos na parte de jornalismo esportivo, “a história do esporte é feita por humanos antes de tudo e entender suas ações está com a narratologia” (VENANCIO, 2015, p. 248). Dessa forma, na história da peteca em Minas Gerais empregamos como metodologia o estudo narratológico de Algirdas Julien Greimas.

Linguista, Greimas utilizou Georges Dumézil, mitólogo, e seu modelo de descrição divina para auxiliar na estrutura de narratologia. A descrição de Dumézil possui dois caminhos: 1) a “*esfera* de atividade”, em que se constrói a ficha do personagem e como ele atua; e 2) a “fisionomia moral”, seu caráter, como a divindade parece ser. Desses caminhos, surgem duas definições possíveis, classificadas como funcional e qualificativa, respectivamente: 1) o reconhecimento “pelo que faz, [...] inscreve-o como um dos atuantes de um universo ideológico” (GREIMAS, 1973, p. 225); e 2) “o situa como um dos atuantes com o auxílio dos quais se conceitualiza uma axiologia coletiva” (GREIMAS, 1973, p. 225), isto é, retira o personagem de seu universo e inspira a sociedade.

As duas análises predicativas – funcional e qualificativa – longe de serem contraditórias, podiam, ao contrário, em certas condições, serem consideradas como complementares e seus resultados como convertíveis de um modelo a outro: a divindade poderia agir conforme sua própria moral; seus comportamentos iterativos, julgados típicos, podiam ser integrados como qualidades. (GREIMAS, 1973, p. 226).

Depois de estabelecidos os atuantes é necessário descrever o universo em que estão inseridos e, assim, tentar responder a duas perguntas:

a) quais são as relações recíprocas e o modo de existência em comum dos atuantes de um micro-universo? b) qual é o sentido, muito geral, da atividade que atribuímos aos atuantes? Em que consiste essa “atividade”, e se ela é transformadora, qual é o quadro estrutural dessas transformações? (GREIMAS, 1973, p. 226).

Para responder a essas questões, surgem os dois modelos de Greimas: A) modelo atuacional; e B) modelo transformacional. O modelo utilizado nesta pesquisa é o atuacional.

Greimas define que a narrativa é permanente como o espetáculo, não se altera. A ação segue existindo, ainda que mude o seu sujeito. “O conteúdo das ações muda o tempo todo, os atores variam, mas o enunciado-espetáculo permanece sempre o mesmo, pois sua permanência está garantida pela distribuição única dos papéis” (GREIMAS, 1973, p. 226).

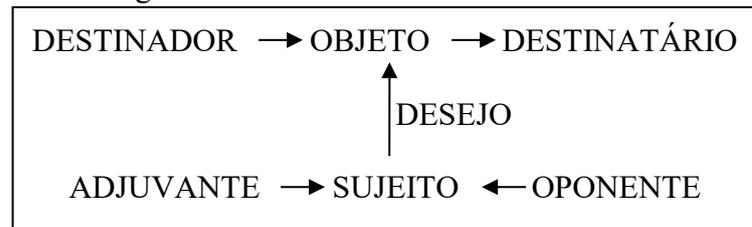
Esta distribuição de papéis tem natureza em duas categorias de oposição: “sujeito vs atuante” e “destinador vs destinatário”, hipótese confirmada por V. Propp em sua *Morfologia do conto popular Russo*, no qual apresenta os atuantes, ou *dramatis personae*, como ele os chama. “Sua concepção dos atuantes é funcional: as personagens se definem, segundo ele, por ‘esferas de ação’ das quais participam, sendo estas constituídas por feixes de funções, que lhes são atribuídos” (GREIMAS, 1973, p. 228). Segundo Silva (2015), os atores podem desempenhar mais de uma função para comunicar uma mensagem, assim como cada personagem pode ter mais de uma mensagem a ser transmitida.

De acordo com Propp, os atuantes são as funções que o ator irá representar e se enquadram em sete personagens: “1) o vilão; 2) o destinador; 3) o adjuvante; 4) a pessoa procurada; 5) a pessoa que chama o herói para ação e movimenta a história; 6) o herói e 7) o falso-herói” (GREIMAS, 1973, p. 229). Souriau aborda ainda análise similar e mostra que “a interpretação atuacional podia se aplicar a um tipo de narrativas – as obras teatrais – bem diferente do conto popular e que seus resultados podiam ser comparáveis aos primeiros” (GREIMAS, 1973, p. 229), isto é, os atuantes poderiam ser classificados em outros tipos de estórias.

Greimas (1973, p. 231) identificou, com base em Propp e Sourian, que os dois opostos em uma narrativa são o “sujeito vs objeto”. O sujeito é o personagem principal e sempre estará em busca de algo, movido pelo desejo, que lhe foi tirado (GREIMAS, 1973, p. 231). Greimas (1973, p. 231-233) também analisa que o sujeito é referente ao destinatário e o objeto é referente ao destinador, uma vez que o destinador chama o personagem principal para a ação. Outros atuantes presentes e distintos são “adjuvantes vs oponentes”. Enquanto o adjuvante auxilia na busca do desejo, o oponente se opõe, criando obstáculos. (GREIMAS, 1973, p. 233) (SILVA, 2015, p.34-35).

Dessa forma, fundamentado nos estudos de Propp e Souriau, Greimas estabelece e esquematiza o modelo atuacional de análise narratológico (Figura 6).

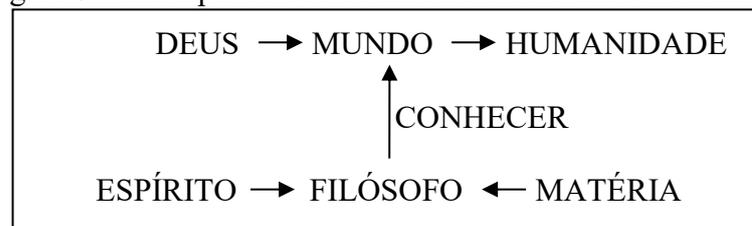
Figura 6 – Modelo atuacional de Greimas



Fonte: Elaboração da autora a partir de Greimas (1973, p. 236).

Para explicar seu modelo de narratologia atuacional, Greimas emprega o exemplo de um filósofo da época clássica (Figura 7), que tem como desejo o conhecimento. Portanto, segundo Greimas (1973), o filósofo é o sujeito e seu desejo é conhecer o mundo (objeto), em que Deus é o destinador e a humanidade, o destinatário. Para ajudar, o adjuvante é o espírito, enquanto a matéria (oponente) cria obstáculos para que o filósofo não alcance o conhecimento de mundo almejado.

Figura 7 – Exemplo de uso do modelo atuacional de Greimas



Fonte: Elaboração da autora a partir de Greimas (1973, p. 236).

2.4.1 O papel da peteca na narratologia de Greimas

Adequando o modelo atuacional de Greimas ao livro-reportagem *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* é importante pensar na peteca como sujeito da narrativa, o personagem principal. A peteca (sujeito) deseja seu o reconhecimento enquanto esporte (objeto).

Minas Gerais (adjuvante), em especial a região do Triângulo Mineiro, é um destaque da modalidade, sediando as principais competições nacionais de peteca e ganhando pódios nos campeonatos que disputam. A ex-coordenadora do Praia Clube, o único clube a ser bicampeão brasileiro de peteca e base da criação da CBP, confirma esse papel na Parte 1: Mesa organizadora.

O Praia foi crescendo e logo a gente conseguiu trazer a Copa Itaú para dentro do Praia, porque ela acontecia só em Belo Horizonte. Nós mexemos os pauzinhos aqui e começou a ter a Copa Itaú do Praia que derrubou a

Copa Itaú de Belo Horizonte. O Itaú tirou a verba de lá e jogou toda para cá, porque queria fazer um investimento novo e o clube ajudava bastante. E a nossa organização começou a ser diferente, porque a Copa Itaú em BH ficava só no centrinho deles, só entre eles, nós não, nós abrimos para qualquer pessoa que quisesse participar. A gente tinha a categoria iniciante, avançada, o nível maior... Começou a vir gente de escola para participar e isso chamou muito atenção do banco na época. E aí eu sei que nós fizemos 10 Copas Itaú, se eu não tiver enganada, consecutivas dentro do Praia. (MARTINS, 2019)¹⁰.

Além disso, há grandes jogadores e famílias petequeiras (adjuvantes) que estão há gerações na peteca e não deixam o esporte morrer – ou seria a peteca cair? São pais que jogam com os filhos, os incentivam na beirada da quadra, levam aos campeonatos em outras cidades e estados, passam o esporte para os filhos como uma herança de família.

Como podemos ver na Parte 2: Família no pódio do livro, confirmado no depoimento de Carlos Henrique:

Fomos em delegação completa com um ônibus de atletas para Belo Horizonte na fase final do Campeonato Mineiro, em 1997, no Clube dos Oficiais da Polícia Militar (COPM). Dentro estava meu pai, minha mãe, minha irmã e eu. Com exceção da minha mãe – que também jogava, mas não participou em quadra nesta – todos nós fomos como atletas para essa competição oficial. Veja só: toda a família jogando e em uma mesma delegação. E tudo é disputado dentro de um mesmo espaço e ambiente, ou seja, na família ambos podem ser ao mesmo tempo, atletas e torcedores... isso é demais, qual outro esporte oferece isso? (OLIVEIRA, 2019)¹¹.

E também no depoimento de Douglas sobre a relação com o pai José Adolfo:

É muito bom, sempre, jogar com meu pai, porque eu acho que é uma experiência que poucos têm na peteca e é uma das coisas que mais me motiva também. Mesmo às vezes eu não jogando com meu pai, é muito legal quando eu vou treinar e ele está lá comigo; nos campeonatos geralmente eu estou lá torcendo por ele e ele torcendo para mim... A gente tem uma ligação muito forte no esporte, e isso é muito legal. (RIBEIRO, 2019)¹².

Assim, Minas Gerais, Triângulo Mineiro, grandes jogadores e as famílias são o que incentivam (adjuvantes), auxiliam o sujeito nesta busca pelo reconhecimento.

¹⁰ Informações fornecidas à autora por Evelin Siqueira Martins em entrevista no dia 16/08/2019.

¹¹ Informações fornecidas à autora por Carlos Henrique Eanes Oliveira em entrevista no dia 29/08/2019.

¹² Informações fornecidas à autora por Douglas Silva Ribeiro em entrevista no dia 08/08/2019.

De outro lado, há a criação de obstáculo. A peteca não é esporte olímpico (oponente), apesar de Brasil, Paraguai, Bolívia, Chile, Estados Unidos, Portugal, Holanda, França, Alemanha, Suíça, Estônia, Lituânia, Rússia, China e Japão também jogarem peteca (PEDROSA, s.d.) – os franceses, aliás, estiveram presentes no Brasileiro de 2018. O fato de não se um esporte olímpico atrapalha no reconhecimento enquanto esporte, passando a ser visto por muitos como uma simples brincadeira.

O que falta é a política em cima disso daí, saber quais são as regras, a exigência do Comitê Olímpico... para chamar esse esporte para o olímpico. Porque a chance que nós tivemos de fazer do esporte uma demonstração, foi nas Olimpíadas aqui no Brasil... e não foi feito nada para poder mostrar isso. Infelizmente... se tivesse feito essa demonstração aqui, de repente nós já estaríamos com a peteca no Pan-americano, mas a gente perdeu essa chance. É questão de política... é uma política que está faltando aí". (MADRUGA JR, 2019)¹³.

Há também a invisibilidade (oponente) da modalidade, pois não há espaço na mídia para falar da peteca e nem informações sobre as competições, assim como falta patrocínio para auxiliar no crescimento e divulgação do esporte.

A falta de divulgação da peteca como esporte pode ser explicada por três fatores principais: as federações, os clubes e a visão do esporte. De acordo com Leonardo, “as federações não se empenham, os clubes sem recursos não conseguem patrocínio porque dependem da confederação e, em muitos lugares, ainda não é considerada uma modalidade”.

Infelizmente o esporte é visto como amador e recreativo. Adriana destaca que “por não ser uma modalidade olímpica, talvez não atraia muito investidores e nem pessoas que se interessem em assistir e praticar”. Já houve solicitações para tornar o esporte olímpico, mas existem quesitos que a peteca não conseguiu cumprir.

A coordenadora de competição ressalta que, para atrair a atenção, é utilizada principalmente a “divulgação caseira, no Facebook e nas outras redes sociais”, além dos meios de comunicação do Praia Clube, como revista e televisão. Mas ela considera que, se um número maior de pessoas conhecesse o esporte, “que é uma modalidade muito interessante, nós teríamos mais praticantes”. Marco Túlio Merola, atleta há sete anos, ressalta que “se a peteca não é vista pela sociedade, não tem como o esporte se desenvolver”. (SILVA, 2015).

A peteca ainda enfrenta a falta de massificação (oponente), em especial nas escolas:

Para a peteca voltar a crescer tem que voltar para a peteca nas escolas. A gente tinha um projeto muito bom em Uberlândia, do Ademar, que envolvia

¹³ Informações fornecidas à autora por Ricardo de Assis Madruga Júnior em entrevista no dia 08/08/2019.

mais de 12 mil participantes, atletas de diversas escolas, e era um projeto bem documentado, com jogos intersalas, interclasses, intercolegial, por bairros e fechando no JEMG [Jogos Escolares de Minas Gerais]. Então foi um retrocesso, esse ano [2019] pela primeira vez em muitos anos a Secretaria de Esportes de Belo Horizonte retirou a peteca do JEMG e isso foi um retrocesso. Mas eu penso que para o retorno da peteca tem que ser a massificação e através das bases na escola. (SILVA, 2019)¹⁴.

E, por fim, a elitização é também um oponente.

Algumas Federações começaram a fazer eventos fechados, só para os atletas de elite, e isso foi desmotivando o pessoal menos técnico, mas eu não acho que isso foi um erro proposital. Eu acho que a intenção foi muito boa. Talvez um dos principais motivos desta elitização foi a Liga Brasileira, desde o início uma liga fechada, só com convidados. Começou a se definir essa diferenciação, acabou com a democratização, uma coisa que agora o Leonardo está resgatando com a Liga Triangulina. (SILVA, 2019)¹⁵.

Dessa forma, o fato de não ser um esporte olímpico, a invisibilidade e a elitização atrapalham a peteca, são obstáculo (oponente) para que a modalidade conquiste o reconhecimento enquanto esporte.

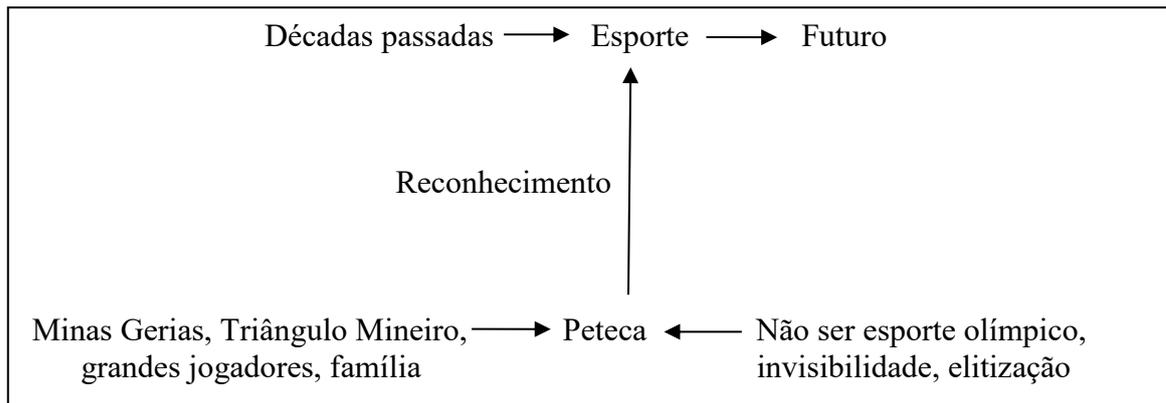
As histórias da peteca são as ações da peteca em busca do reconhecimento. A criação das regras em 1920, o alcance do público em 1980, a oficialização enquanto esporte em 1985, seguida pela criação da FEMPE, o auge na década de 1990, a criação da CBP e suas novas regras em 2000, todos esses acontecimentos das décadas passadas (destinador) são o empurrão para que a modalidade continue caminhando rumo ao seu lugar como esporte. Sem essas histórias, a peteca estaria estagnada e não buscaria alcançar nenhum objetivo.

Como o destinador chama o personagem principal para a ação, podemos dizer nesse caso que são as décadas passadas (destinador) que está ligado ao esporte (objeto) com as regras oficiais, Federações e Confederação. Já o destinatário está ligado ao sujeito, ou seja, o futuro da peteca (sujeito) é o destinatário, o que vai acontecer, os próximos passos e histórias dependem da peteca (Figura 8).

¹⁴ Informações fornecidas à autora por Ricardo Ivan da Silva em entrevista no dia 23/07/2019.

¹⁵ Informações fornecidas à autora por Ricardo Ivan da Silva em entrevista no dia 23/07/2019.

Figura 8 – Uso do modelo atuacional de Greimas no livro-reportagem



Fonte: Elaboração da autora a partir de Greimas (1973, p. 236).

Apesar de a peteca ser o sujeito, não será a protagonista do livro. São as vivências dos grandes jogadores e das famílias que praticam o esporte em Minas Gerais, os adjuvantes da peteca, que utilizamos para contar esta narrativa.

Para compreender e complementar o papel dos atuantes é necessário entender como os pormenores, acontecimentos cotidianos e personagens à margem são essenciais para a construção de micro-histórias. Para isso, optamos pelo paradigma indiciário de Ginzburg que será tratado a seguir.

2.5 Paradigma Indiciário de Ginzburg

Carlo Ginzburg fundamentou seu estudo em três modelos de investigação: os signos pitorescos (unhas e orelhas, por exemplo) identificados por Morelli nas obras de arte classificadas erroneamente; os indícios encontrados e interpretados por Sherlock Holmes para desvendar o mistério nos romances de Doyle; e os sintomas tratados por Freud na psicanálise. “Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta com base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leitor” (GINZBURG, 1989, p. 151). Para o historiador Ginzburg (1989, p. 157), “como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”.

O historiador italiano fundamenta então seu estudo em “uma investigação quase criminal, detetivesca, que desvenda o mistério baseado em indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas” (BORGES; TINEM, 2003, p. 1). Os indícios são pistas, pormenores negligenciáveis. “O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente

de eventos” GINZBURG, 1989, p. 152). São essas pistas imperceptíveis que formam o núcleo do paradigma indiciário.

Além dos caçados, o Estado se utilizou o paradigma indiciário. O objetivo era identificar (através de retrato falado e, posteriormente, digitais) e controlar a sociedade. “Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia. [...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Além disso, o paradigma indiciário permite “uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis: as estruturas arcaicas e os conflitos entre diferentes configurações sócio-culturais” (BORGES; TINEM, 2003, p. 1).

Em suas obras, Ginzburg argumenta sobre

o método de investigação, os caminhos a trilhar, os instrumentos a utilizar para comprovação de dados, além de dar congruência à história elaborada e questionar as interpretações disciplinares tradicionais, somando aos critérios de interpretação – exaustividade, coerência e economia – a criatividade e a intuição (*firāsa*) como elementos importantes na reconstrução histórica. (BORGES; TINEM, 2003, p. 1-2).

Para a investigação e interpretação histórica, Ginzburg utiliza documentação vista de maneira negativa por outros historiadores, como documentos iconográficos, edifícios, medalhas, moedas, atas judiciais e processos inquisitoriais. O historiador não utilizava somente de depoimentos escritos, pois algumas formas de saber, como identificar mudança de vento ou intenção hostil em um rosto,

eram mais ricos do que qualquer codificação escrita, não eram aprendidas nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis; frequentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencente a todas as classes sociais. Um sutil parentesco as unia: todas nasciam da experiência, da concretude da experiência. Nessa concretude estava a força desse tipo de saber, e o seu limite – a incapacidade de serve-se do poderoso e terrível instrumento da abstração.

Desse corpo de saberes locais, sem origem nem memória ou história, a cultura escrita tentar dar a tempo uma formulação verbal precisa. Tratava-se, em geral, de formulações desbotadas e empobrecidas. (GINZBURG, 1989, p. 167).

Ao interpretar os atos cotidianos, os episódios insignificantes, mas reveladores, como elementos indiciários, o historiador cria uma abertura para verdades alternativas, diferentes pontos de vistas. O paradigma indiciário

trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição. (GINZBURG, 1989, p. 179).

Por meio do paradigma indiciário, é possível contar uma história pelos seus pequenos personagens e episódios tidos como insignificantes, não somente pelos grandes nomes e acontecimentos. Há pessoas que passam à margem, fazem parte do cotidiano e possuem muitas pistas, pormenores negligenciados, que possibilitam outros pontos de vista na reconstrução histórica.

No caso deste livro-reportagem, estes personagens são os que estão constantemente presentes, acompanhando nos campeonatos, mas sem necessariamente possuírem títulos de renome. Eles conseguem contar o que acontece fora das quadras.

A teoria pode ser vista no livro por meio da matriarca da família que nunca disputou uma partida, mas está constantemente na torcida e cuidado das crianças da delegação. Como conta dona Guita: “Eu lembro que as mães dos meninos sempre vinham me falar antes de entrarmos no ônibus: ‘cuida dele para mim, olha ele lá’. Principalmente a mãe do Japa, ele era bem pequeno e uma coisa comigo...” (SILVA, 2019)¹⁶.

Também há Jacaré, um pai que disputa há quase três décadas e nunca conquistou um título de expressão, mas passou a paixão para as filhas Gabriela e Bruna.

Após treinar por seis anos, Gabriela trocou a bola pelas penas: “hoje eu estou focada só na peteca”. Após conversar com o pai, a atleta decidiu mesmo se dedicar e foi ela, aliás, quem iniciou a escolinha de peteca do PTC ao lado da treinadora Rafaela. A jovem petequeira destaca: “se não fosse meu pai eu não estaria na peteca, foi o que me trouxe”. Atualmente, Gabriela é bicampeã brasileira, algo que o pai nunca conseguiu. “É ate uma gozação. O que elas fizeram em dois anos que praticam, eu não fiz minha vida inteira”, ri o veterano. (SILVA, 2016, p. 25).

¹⁶ Informações fornecidas à autora por Aparecida Candida Silva, dona Guita, em entrevista no dia 15/11/2019.

No capítulo a seguir, expomos os procedimentos metodológicos deste trabalho que auxiliam na exemplificação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A proposta de produto para conclusão do Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação foi elaborar um livro-reportagem sobre a história da peteca em Minas Gerais, narrativizando as histórias dos personagens do esporte desde seu início como esporte, em 1980, passando por seu passado glorioso e sua elitização. Para cumprir esse objetivo, foi feita uma revisão bibliográfica e resgate histórico acerca da peteca, a definição de jornalismo literário de Pena (2007) e do gênero livro-reportagem de Lima (2009), o conceito de jornalismo esportivo de Unzelte (2009) e Venancio (2015), embasadas com a narratologia de Greimas (1973) e com micro-história italiana de Ginzburg (1989).

O e-book foi escolhido para a publicação do livro-reportagem *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* porque é um meio para contar histórias que não possui limite de tempo e espaço e pode ser lido em qualquer lugar. O livro foi produzido por uma jornalista que fez as pesquisas, as entrevistas, a redação, o desenho da capa e a diagramação. A jornalista foi auxiliada por terceiros na revisão e na produção da capa.

Pensando o produto, os procedimentos metodológicos do projeto de pesquisa foram embasados em Gil (2008). A pesquisa é aplicada, pois tem finalidade imediata na sociedade, e exploratória, pois se trata de uma pesquisa inédita e que tem como finalidade aumentar as informações sobre o assunto em questão, possibilitando o reconhecimento da peteca enquanto esporte e dos petequeros enquanto atletas. Quanto aos procedimentos, a pesquisa é de campo, pois a produção foi feita por meio das entrevistas.

A produção do livro-reportagem foi dividida em etapas: embasamento teórico; estruturação da narrativa; levantamento dos entrevistados; entrevistas; redação; edição e finalização do produto.

O embasamento teórico feito antes da produção do livro ajudou no direcionamento do livro-reportagem e na escolha da forma de escrita. A estruturação da narrativa foi feita com base no modelo atuacional de Greimas (1973) – adaptado com a peteca como sujeito (ver item 2.4.1), foi possível encontrar os papéis e direcionar as pesquisas e entrevistas – no paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

3.1 Entrevistas

Mais do que pelos documentos – escassos, por sinal –, a história da peteca é contada por seus personagens: atletas, familiares, amigos, admiradores, torcedores e dirigentes

voluntários formam a rede de sustentação desse esporte. Por isso, as entrevistas são as principais peças para montar essa linha narrativa e a escolha dos entrevistados envolveu nomes de várias gerações.

Os entrevistados foram escolhidos com base no conhecimento prévio da autora como ex-praticante do esporte e atual assessora de imprensa da Liga Triangulina. Foram selecionados nomes da peteca que possuem reconhecimento no meio pela importância de contribuição na consolidação e divulgação do esporte, bem como pelos títulos conquistados e disputados. Além disso, buscamos nomes de várias gerações do esporte e de famílias que praticam a peteca em Minas Gerais.

- Adriana Elizete Costa, de Belo Horizonte, atleta destaque da categoria PRO. Eneacampeã da Liga Brasileira. Dupla da Cidinha;
- Ana Maria Romano, de Belo Horizonte, atleta destaque da década de 1990. Pioneira no estilo de atacar feminino. Multicampeã;
- Aparecida Candida Silva – “dona Guita”, de Patrocínio, matriarca da família Silva e técnica substituta. Presença constante na torcida de campeonatos desde a década de 1990. Avó da autora;
- Carlos Henrique Eanes Oliveira, de Ituiutaba, conquistou o primeiro título mineiro do Beira-Rio. Voltou às quadras em 2018 após quase 20 anos fora devido a uma trombose no braço direito;
- César de Paula Moreira – “Jacaré”, de Patrocínio, atleta do PTC desde a década de 1990. Rival regional do Ricardo Caderada. Pai das campeãs Infanto-Juvenis Gabriela e Bruna Moreira;
- Douglas Silva Ribeiro, de Uberaba, atleta da categoria Adulto. Bicampeão brasileiro em 2018 e 2019. Eleito melhor jogador brasileiro de 2018. Treinador de peteca de três equipes das Atléticas da Uniube – Campus Uberaba. Filho do José Adolfo;
- Evelin Siqueira Martins, de Uberlândia, coordenadora de peteca e atleta do Praia Clube na década de 1990 e começo dos anos 2000. Organizadora da Copa Itaú em Uberlândia. Criadora da escolinha de peteca do Praia. Uma das fundadoras da Confederação Brasileira de Peteca;
- Gabriela Queiroz Moreira – “Gabi”, de Patrocínio, atleta do PTC. Tricampeã brasileira Infanto-Juvenil em 2014, 2015 e 2017. Uma das criadoras da nova escolinha de peteca do PTC. Atleta e fundadora da equipe de peteca da Atlético Vira Latas. Filha do Jacaré;

- João Pedro Henriques Parreiras e Souza, de Belo Horizonte, atleta da categoria PRO. Um dos maiores nomes da peteca. Campeão de 13 Brasileiros, 10 Mineiros e 6 Copa dos Campeões. Maior campeão da Liga Brasileira com 12 títulos;
- José Adolfo Alves Ribeiro, de Uberaba, atleta da categoria Master II. Começou na peteca aos 35 anos e conquistou vários títulos. Pai do atleta Douglas Silva;
- Leonardo de Assis Gomes Pereira – “Leo”, de Patrocínio, atleta da categoria PRO pelo Praia Clube. Eleito melhor jogador brasileiro de 2012. Atleta Infanto-Juvenil do PTC e primeiro aluno do Ricardo Caderada. Professor na escolinha de peteca do Praia desde 2008. Criador e Presidente da Liga Triangulina de Peteca. Educador físico responsável pela Clínica de Peteca itinerante. Primo da autora;
- Marcelo Raimundo Fortunato, de Esmeralda, criador do canal do *YouTube* TV Peteca. Responsável, ao lado da esposa Flávia, pela transmissão dos jogos ao vivo com sua própria linguagem narrativa.
- Marco Antonio Tavares Silva – “Toninho”, de Uberlândia, atleta do Praia Clube. Promessa da peteca masculina. Campeão brasileiro da categoria Juvenil em 2018. Aluno do Leo;
- Marco Túlio Rezende Merola Gomes – “MT”, de Uberlândia, atleta do Praia Clube de 2008 a 2016. Tetracampeão brasileiro em 2010, 2012, 2014 e 2016. Eleito o melhor jogador brasileiro em 2015. Campeão mineiro em 2012. Ex-aluno do Leo;
- Maria Aparecida de Andrade – “Cidinha”, de Belo Horizonte, atleta destaque da categoria PRO. Decacampeã da Liga Brasileira. Dupla da Adriana;
- Maria Luiza Carvalho Rodrigues – “Malu”, de Uberlândia, atleta do Praia Clube. Jovem promessa da peteca feminina. Aluna do Leo;
- Paulo Ricardo Correa Caixeta, de Patos de Minas, criador da PEC e do ranking utilizado na classificação de campeonatos;
- Ricardo Caldeira – “Pimenta”, de Belo Horizonte, atleta de elite desde 1990, quando praticante disputou sua primeira Copa Itaú. Primeiro atleta patrocinado, por 10 anos pela Bonfim. Influenciador da década de 1990. Considerado uma lenda, um dos maiores nomes da peteca;
- Ricardo Delgado da Silva, de Itatinga, atleta da categoria PRO. Atleta profissional. Considerado um dos melhores nomes da nova geração;
- Ricardo de Assis Madruga Júnior, de Uberaba, grande nome da peteca desde a década de 1990. Vice-campeão mundial na França, em 2006;

- Ricardo Ivan da Silva – “Caderada”, de Patrocínio, atleta desde 1989. Criador da primeira escolinha de peteca do PTC em 1995. Homenageado pela Federação Mineira como um dos grandes incentivadores da peteca no ano de 1996. Professor no Praia Clube e no Beira Rio na década de 1990. Eleito cinco vezes o melhor árbitro do Brasil. Tio da autora.

Dos entrevistados selecionados inicialmente, somente um se recusou a dar entrevista. Outros foram trocados no decorrer da produção pela delimitação da autora quanto ao estado e enfoque.

A pauta foi focada nas experiências pessoais do personagem e na sua função no esporte. As entrevistas transcorreram de maneira informal, como em uma roda de conversas. A peteca funciona como uma grande família e reencontro de amigos, dessa forma, preservamos essa característica nas entrevistas.

Primordialmente, as entrevistas foram feitas presencialmente e gravadas em áudio no Iphone 7 nas cidades de Uberlândia, Belo Horizonte, Patrocínio e Uberaba. Quando não foi possível, por falta de disponibilidade dos personagens ou difícil locomoção da jornalista, as entrevistas foram feitas por WhatsApp. A escolha do aplicativo ao invés do tradicional e-mail se deve ao estilo informal de entrevista.

As entrevistas foram realizadas entre 7 de junho de 2019 e 14 de setembro de 2019, com exceção da entrevista com Marcelo Fortunato, feita em 14 de maio de 2020. Perguntas e dúvidas complementares foram feitas aos personagens no decorrer da escrita nos anos de 2019 e 2020.

3.2 Escrita

A escrita em pequenos textos interligados foi inspirada na escrita crônica de Nelson Rodrigues, que repetia personagens, contava vários acontecimentos em um mesmo texto e voltava a competições em outras produções.

O livro também possui algumas características do livro *Democracia Corintiana*, de Sócrates e Ricardo Gozzi, pois o ex-jogador Sócrates – um dos líderes do movimento – relembra com as próprias palavras o período de democracia e luta pelos direitos dentro do Parque São Jorge e do Brasil. Após o relato, o jornalista Gozzi realizou a pesquisa do contexto histórico e entrevistou os principais personagens do movimento. Enquanto no livro *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* também há lembranças e

comentários da jornalista, que é uma das personagens, característica de um livro-reportagem-ensaio.

A produção ainda se assemelha a um diário, com a data sinalizando quando a história principal se passa, para que não haja confusão com o tempo, visto que a história se passa em várias datas, intercalando passado e presente. O tempo passado ocorre desde a década de 1980 com entrevistas, enquanto o tempo presente refere-se à 2ª etapa da Liga Triangulina de Peteca de 2019, realizada em Uberlândia, e o fio narrativo que permeia toda a história. O presente é contado pela jornalista durante o seu trabalho na cobertura da competição, juntamente com entrevistas dos personagens. Juca Kfoury (2017, p. 227) afirma que “jornalistas devem guardar distância do objeto de seu trabalho, diz o beabá da profissão. Nem sempre é viável, às vezes, e não poucas, é impossível”, como foi o caso.

Passado e presente se cruzam durante acontecimentos da etapa. Por exemplo, na história de Ricardo Ivan, que ao ser chamado para uma homenagem na categoria All Star, precisa pedir tempo no jogo em que estava em outra categoria, assim, podemos abordar suas multifacetadas, entre elas de educador esportivo familiar. Ou quando um atleta do presente cita algum acontecimento ou personagem do passado. As entrevistas dos personagens e eventos históricos, interligando passado e presente, são característica de um livro-reportagem-história.

O livro é constituído por seis partes, cada uma focada em uma temática/funcionalidade: a primeira é sobre a organização das competições e as diferenças entre o passado e o presente; a segunda sobre as relações familiares: pais e filhos, primos, irmãs, a matriarca da família; a terceira sobre educadores físicos: treinadores, técnicos, professores e seus alunos; a quarta com histórias da década de ouro: década de 1990 e início dos 2000; a quinta aborda as mulheres e o poder feminino; e a sexta conta sobre os ídolos atuais.

Além disso, há a apresentação, o prefácio e o posfácio. O primeiro aborda a relação pessoal da autora com o esporte, como surgiu a ideia do livro e apresenta outros personagens importantes e seus papéis de adjuvantes na luta pelo reconhecimento da peteca enquanto esporte. O segundo foi escrito pelo professor de jornalismo esportivo Luciano Maluly, a convite da autora. O terceiro trata-se de uma reflexão sobre a importância de aprender com a história e mudar algumas questões para o futuro do esporte a fim de que a peteca não caia.

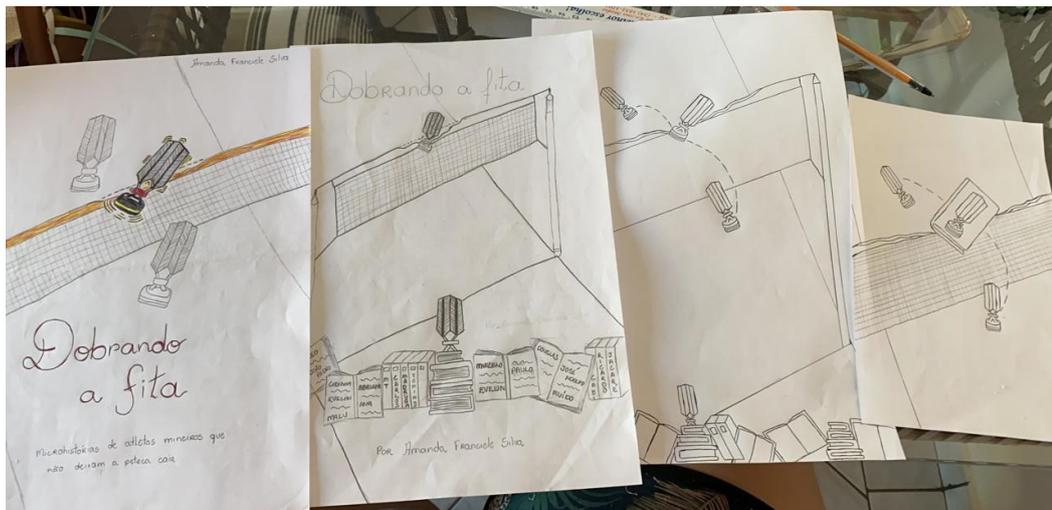
3.3 Imagens

As imagens foram coletadas essencialmente com os próprios entrevistados que possuem acervo pessoal. A autora também possui documentação pessoal e familiar, visto que é ex-atleta e atual assessora de imprensa da Liga Triangulina.

O problema apresentado durante o trabalho é a ausência de fotografias de jogos citados, visto que há conflito de documentação e houve mudança de tecnologia durante a história do esporte. Antigamente, não era fácil o acesso a câmeras e imagens. Além disso, por parte das fotografias serem antigas, a qualidade destas fica comprometida.

A ilustração da capa inicialmente foi feita a mão pela autora (Figura 9), com consultoria da designer gráfica Bruna França, amiga pessoal da autora. O conceito utilizado foi representar um lance importante e presente em vários casos do livro: a dobrada de fita, quando a peteca bate na parte de cima da rede e a vira, mudando o movimento da peteca e surpreendendo o adversário.

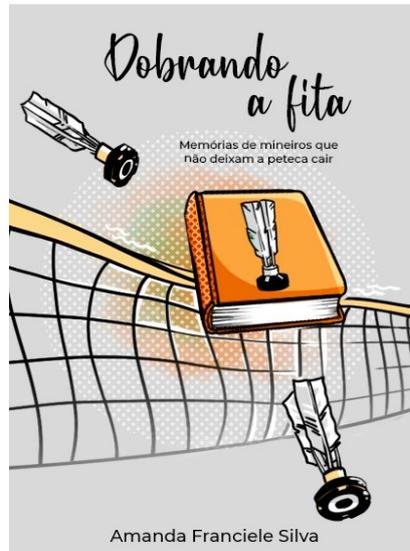
Figura 9 – Processo de criação da capa



Fonte: Elaboração da autora.

A ilustração posteriormente foi digitalizada pela publicitária e ilustradora Paula França (Figura 10), amiga pessoal da jornalista.

Figura 10 – Capa final digitalizada



Fonte: Elaboração da autora em parceria com Paula França.

Além disso, a primeira peteca representa as décadas passadas e a última representa o futuro. A peteca do meio é o fato do livro ser a minha dobrada de fita, minha ajuda em obter o reconhecimento, transformando em história: de subesporte a esporte. Dessa forma, também é possível ver a teoria narratológica de Greimas. A escolha pelo tom laranja se deve ao fato de os pisos da quadra serem desta cor.

3.4 Edição

As revisões prévias foram feitas pela autora. No entanto, posteriormente, para não ocorrer leitura “viciada”, as jornalistas e amigas pessoais da autora, Marina Colli e Nayara Ferreira, realizaram a revisão final do livro.

3.5 Diagramação

A diagramação foi básica e limpa, realizada pela jornalista autora no próprio programa de edição de textos Microsoft Word, facilitando a leitura.

A opção por um bloco de páginas somente com imagens e legenda na parte central do livro foi escolhida por não haver fotos específicas de todos os jogos. Além disso, a ideia foi inspirada em outros livros esportivos, como por exemplo, a biografia *Sócrates*, do jornalista Tom Cardoso, em *Sócrates & Casagrande – Uma história de amor* e também em *Casagrande e seus demônios*, ambas do jornalista esportivo Gilvan Ribeiro.

4 DEMANDAS MERCADOLÓGICAS

Como observado na análise de similares, não há produções que contemplem a história da peteca. Existem três livros sobre peteca – *Peteca: esporte ou recreação?*, de Cícero Cerqueira Pereira Jr. em 1976; *O jogo da peteca: mantenha sua forma física divertindo-se*, de Eduardo Borges Andrade e Mário Marcos Procópio em 1980; *O Jogo da Peteca: da Iniciação ao Alto Rendimento*, de Ricardo Luis Queiroz em 2012 – mas todos abordam questões técnicas e táticas, não contando as histórias e causos dos personagens nas competições.

O que vem corroborar com as necessidades do mercado que, como ressalta Unzelte (2009), está com uma demanda cada vez maior por materiais históricos esportivos, que preservem a memória, como é o caso do livro proposto. O livro viria então como algo inovador no mercado.

Além disso, em conversas com os petequeiros – tanto atuantes quanto aposentados – foi constatado que é necessário e desejo dos atletas uma produção que abranja esses dados e estórias históricas. São em média 1.300 atletas que disputam as competições estaduais, e já houve 10 mil atletas que chegaram a disputar uma Copa Itaú na década de 1990.

Dessa forma, o lançamento de um livro que conte a história da peteca desde o início enquanto esporte, em 1980, até os dias atuais vem para suprir essa demanda de memória e o desejo de vários petequeiros. O livro será comercializado.

4.1 Orçamento de custos

Para realizar a pesquisa e produção do livro durante os 30 meses de mestrado, foram necessários recursos humanos e materiais.

Recursos	Quantidade	Valor unitário	Total
Jornalista	30 meses	R\$2.270,00 ¹⁷	R\$68.100,00
Revisor	150 páginas	R\$179,09 ¹⁸	R\$26.863,50
Diagramação	1	R\$2.500,00 ¹⁹	R\$2.500,00
Ilustração capa	1	R\$80,00 ²⁰	R\$80,00

¹⁷ Piso salarial mensal em Minas Gerais segundo Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), consultado no dia 06/05/2019.

¹⁸ Valor por página segundo o site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Disponível em: <sjpmg.org.br>. Acesso em: 06 maio 2019.

¹⁹ Orçamento feito com a designer no dia 06/05/2019.

²⁰ Orçamento feito com a ilustradora no dia 04/07/2020.

Viagem para BH	2	R\$204,23 ²¹	R\$408,46
Viagem para Uberaba	2	R\$47,66 ²²	R\$95,32
Viagem para Patrocínio	2	R\$58,98 ²³	R\$117,96
Iphone 7 (gravador, câmera e whatsapp)	1	R\$2.320,00 ²⁴	R\$2.320,00
Notebook HP Core i3-6006U 4GB 500GB Tela 14" Windows 10 246 G6	1	R\$2.099,00 ²⁵	R\$2.099,00
Pacote Microsoft Expression Web 4 (Free Version)	1	-	-
Pacote de Internet Algar Telecom	30 meses	R\$96,95 ²⁶	R\$2.908

Para a elaboração do produto, todos custos foram assumidos pela autora.

²¹ Valor consultado junto à empresa Expresso União no dia 23/04/2019.

²² Valor consultado junto à empresa Expresso União no dia 04/07/2020.

²³ Valor consultado junto à empresa Expresso União no dia 04/07/2020.

²⁴ Valor disponível na loja Fast Shop no dia 18/04/2019.

²⁵ Valor disponível na loja Extra no dia 23/04/2019.

²⁶ Valor consultado junto à empresa Algar Telecom no dia 04/07/2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de preservação documental da história da peteca, como relatórios dos campeonatos, acervo com fotografias e imagens de vídeo, divulgação de dados nos sites oficiais, documentação de atletas, entre outros meios, foram decisivos na definição do formato do livro. Como não há documentação suficiente linguística ou imagética, a melhor opção foi ouvir as histórias orais das pessoas que estiveram presentes nos eventos, construindo a história do esporte.

Além disso, a escolha por ouvir esses nomes da memória viva de maneira informal cria uma conexão entre o leitor e a história, podendo também explorar o fato de que a jornalista é íntima do assunto. Infelizmente muita história da peteca já se perdeu junto com o falecimento de nomes importantes do esporte e que além de vivenciarem, lutaram pelo seu crescimento.

Por meio desta pesquisa, pudemos ver como o esporte é tradicionalmente mineiro, como interferiu no desenvolvimento das cidades, chegando a ser peça fundamental no mercado imobiliário da década de 1980, e como ajudou no desenvolvimento do interior e na rivalidade com a capital. A peteca tornou-se parte cultural do estado, sendo levada por mineiros para outros estados e países.

Este livro torna-se então uma preservação da história petequeira e um estudo inédito na área de jornalismo e de esportes, podendo vir a ser um ponto de partida – ou ao menos é o que espero –, já que ainda há muita história e estória a ser contada. Há pelo menos cinco produções complementares que poderiam ser trabalhadas: uma edição nacional, abrangendo todas as Federações; uma edição internacional, contando como a peteca chegou à Europa; uma edição exclusiva de algum atleta, como o caso do Ricardo Caldeira; uma edição com os melhores jogadores de cada época de acordo com suas vitórias mais importantes; uma edição sobre arbitragem.

Durante a produção do livro, acompanhei de perto vários campeonatos. Nesses eventos e nas conversas com os ali presentes, foi encontrado outro problema do esporte: a falta de profissionalização dos árbitros e a padronização dos sinais utilizados pelos mesmos. A única padronização desses gestos é do livro de 1980 e não mais utilizados. Surgiu então a ideia de definir os gestos e recriar as imagens, mas até o momento do encerramento deste trabalho, não foi posto em prática.

A ausência de preservação e de padronização, por exemplo, ressaltam o lado amador da peteca e dificulta a profissionalização do esporte. A produção deste mestrado tem contribuído para este debate e conscientização.

Durante as competições, atletas se reuniram para debater sobre as perguntas feitas anteriormente nas entrevistas, para recordar jogos e pessoas importantes, resgatando personagens que a nova geração não chegou a conhecer. Poder dar reconhecimento e voz para tantos atletas – mesmo que indiretamente a alguns –, contar a história deste esporte mineiro que ajudou na formação do meu caráter foi uma experiência incrível. Este trabalho foi gratificante, apesar da troca de orientador durante o processo e do desafio de concluir um mestrado e produzir um livro-reportagem em meio à pandemia de coronavírus.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eduardo Borges; PROCÓPIO, Mário Marcos. **O jogo da peteca**: mantenha sua forma física divertindo-se. Edição de luxo. Minas Gerais: Editora Comunicação, 1980.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DRUMMOND, Ivan. Criada em Minas, Peteca continua sendo muito praticada no estado: Porém, não conquista tanto os jovens como antigamente. **MG Super Esportes**. 2017. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/mais-esportes/2017/05/21/noticia_maiesportes,403282/criada-em-minas-peteca-continua-sendo-muito-praticada-no-estado.shtml>. Acesso em: 14 mar. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julius. **Semântica estrutural: Pesquisa de Método**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. Edição da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix: 1973.

KFOURI, Juca. **Confesso que perdi: Memórias**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LIGA TRIANGULINA de Peteca. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ligatriangulina>>. Acesso em: 10 set. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

MAZZONI, Thomaz. **Almanaque Esportivo**. São Paulo: Edição do autor, 1931.

QUEIROZ, Ricardo Luis. **O Jogo da Peteca: da Iniciação ao Alto Rendimento**. Uberlândia: EDUFU, 2012.
<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-283-0>

PEC BRASIL (Patos de Minas). **Sobre: Quem somos.** Disponível em: <<https://www.pecbrasil.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PEC BRASIL (Patos de Minas). **Sobre: Critérios de Pontuação.** Disponível em: <<https://www.pecbrasil.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PEDROSA, Márcio Alves. **História da Peteca.** Disponível em: <<http://www.cbpeteca.org.br/historia-da-peteca/>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, Fluminense, [s.l.], v. 2, n. 17, p.43-58, 1 dez. 2007. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>>. Acesso em: 30 abr. 2019.
<https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>

PEREIRA JR., Cícero Cerqueira. **Peteca: esporte ou recreação?** Ouro Preto, 1976.

PRAIA CLUBE (Uberlândia). Competição foi realizada no Clube pela 11ª vez: Ao todo, 221 atletas participaram do torneio. **Praia Clube.** 2019. Disponível em: <<https://www.praiaclube.org.br/esportes-peteca/xxxi-brasileiro-de-peteca>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

SANTOS, Renato Machado dos. **A peteca, o Campo do Lazer e a dinâmica urbana de Belo Horizonte (1980 - 1994).** 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8MEHGR>>. Acesso em: 21 out. 2018.

SILVA, Amanda Franciele. Brincadeira séria. **Revista Nós**, Uberlândia, 2015. 1. ed. Disponível em: <<https://nosrevista.wordpress.com/2015/02/12/brincadeira-seria/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, Amanda Franciele. **Copa do Mundo de 1950 nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues.** 2015. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

SILVA, Amanda Franciele. O placar em aberto. **Senso InComum**, Uberlândia, n. 24, 2014, p. 11. Disponível em: <http://issuu.com/jornalismoufu/docs/senso_24>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, Amanda Franciele. Placar entre passado e presente. **Senso InComum**, Uberlândia, n. 19, 2013/14, p. 9. Disponível em:

<http://issuu.com/jornalismoufu/docs/senso_incomum_19_bx/1>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, Amanda Franciele. Tradição e inspiração nas quadras. **Jornal Gazeta de Patrocínio**, Patrocínio, 3.846 ed., 2016, p. 25.

SILVA, Amanda Franciele et al. Copa de Amor. **Radio In**, Uberlândia, 2014. Disponível em <https://soundcloud.com/amandafs-2/copa-de-amor>.

SILVA, Amanda Franciele et al. **Não abandone, adote**. 2015. Disponível em: <www.facebook.com/naoabandoneadote>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, Amanda Franciele et al. **O Relicário**. 2015. Disponível em: <<http://orelicarioex.wix.com/orelicario>>. Acesso em: 08 out. 2015.

SILVA, Amanda Franciele et al. Resenha dazamigas. **Radio In**, Uberlândia, 2014. Disponível em: <<https://soundcloud.com/amandafs-2/resenha-dazamigas>>.

SILVA, Amanda Franciele et al. **Viva 50**. 2014.

BORGES, Lucia; TINEM, Nelci. **Ginzburg e o paradigma indiciário**. In: XXII Simpósio Nacional de História - História, acontecimento e narrativa, 22., 2003, João Pessoa: ANPUH/UFPB, 2003. Disponível em: <<http://www.lppm.com.br/sites/default/files/livros/Ginzburg%20e%20o%20paradigma%20indici%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo: retratos de uma paixão**. v. 4. Magaly Prado (Org.). São Paulo: Saraiva, 2009.

VENANCIO, R. D. O. Os enunciados do jogo e o imaginário do esporte: métodos para o ensino e pesquisa histórica do jornalismo esportivo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 5, n. 17, p.235-255, jul./dez. 2015. Disponível em: <www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/415/263>. Acesso em: 2 out. 2018.

VENANCIO, R. D. O.; SILVA, Amanda Franciele. A narrativa da Copa do Mundo de 1950 nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues. **Revista Latino-americana de Jornalismo Âncora**, Paraíba, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/30848>>. Acesso em: 10 set. 2018.
<https://doi.org/10.21204/2359-375X/ancora.v3n2p251-271>

ANEXO A – Regras Oficiais de Peteca



REGRAS OFICIAIS DE PETECA

2020

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PETECA
REGRAS OFICIAIS
(Rev. C – 20/05/2020 20:30)

INDICE

(clique no tópico desejado para ir direto à respectiva seção)

Regra nº 1.0 – Da quadra, suas dimensões e equipamentos

Regra nº 2.0 – Da rede, suas dimensões, acessórios, cores, posição e postes

Regra nº 3.0 – Da peteca, suas dimensões, peso e material

Regra nº 4.0 – Da arbitragem, do árbitro e seu auxiliar

Regra nº 5.0 – Da divisão das categorias por faixas etárias

Regra nº 6.0 – Da formação das duplas, dos atletas e limites de inscrição

Regra nº 7.0 – Da definição do ponto e tomada do saque

Regra nº 8.0 – Do jogo, dos sets, pontuação, tempo, desempate e troca de lado

Regra nº 9.0 – Das interrupções do jogo e da lesão de jogadores

Regra nº 10.0 – Do saque, infrações, repetição, pontos para o adversário, disposições gerais

Regra nº 11.0 – Das infrações do saque

Regra nº 12.0 – Dos toques, consequências e interpretações diversas

Regra nº 13.0 – Das faltas

Regra nº 14.0 – Das infrações disciplinares e da expulsão do jogador

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PETECA REGRAS OFICIAIS

Regra nº 1.0 – Da quadra, suas dimensões e equipamentos

1.1 A quadra tem a dimensão de 15 metros por 7,50 metros para o jogo de duplas e de 15 metros por 5,50 metros para o jogo individual.

1.1.1 Para as partidas das Categorias Pré-Mirim Feminina e Masculina a quadra tem a dimensão de 11 metros por 5,50 metros.

1.2 O piso da quadra, quando for de cimento, deve ter sua superfície uniforme e, de preferência, ligeiramente áspera, a fim de facilitar a movimentação segura dos atletas.

1.3 A quadra deve ser delimitada por linhas com 5 cm de largura.

1.3.1 As linhas demarcatórias fazem parte integrante da quadra.

1.4 Linha central é aquela que divide a quadra ao meio e deve ter 5 cm de largura.

1.5 As cores da área de jogo e das linhas demarcatórias devem apresentar bom contraste entre si, de maneira a facilitar a visualização por parte de atletas e árbitros.

1.6 Em toda e qualquer competição oficial, devem ser colocadas fitas sinalizadoras de limite da quadra (popularmente conhecidas como “pega-ladrão”) nas linhas de fundo e também nas linhas laterais.

1.6.1 As fitas sinalizadoras devem ser instaladas de maneira a acompanhar a parte mais externa das linhas demarcatórias, sem ultrapassar o seu limite.

1.6.2 Quando estiverem instaladas, as fitas sinalizadoras assumem os limites da quadra.

Regra nº 2.0 – Da rede, suas dimensões, acessórios, cores, posição e postes

2.1 A rede tem a dimensão de 7,80 metros de comprimento por 60 cm de largura e os quadrados da malha devem medir aproximadamente 4 cm por 4 cm, devendo ser tecida

com nylon ou material similar, com debrum de 5 cm de largura como acabamento na parte superior.

2.2 A rede deve ter, preferencialmente, a cor amarela, podendo ser aceitas outras cores, desde que não prejudiquem a realização do jogo.

2.3 A rede deve ser instalada numa altura uniforme de 2,43 metros para jogos da categoria Masculino e 2,24 metros para o Feminino.

2.3.1 Para jogos das Categorias Pré-Mirim Feminina e Masculina (até 9 anos) a rede deve ser instalada na altura uniforme de 2,00 metros.

2.3.2 Para jogos das Categorias Mirim Feminina e Masculina (10 a 12 anos) a rede deve ser instalada na altura uniforme de 2,00 metros.

2.4 Entre o ponto central da rede e os seus pontos laterais, que coincidem com a projeção vertical nas linhas laterais da quadra, é permitida uma variação máxima de dois centímetros na sua altura.

2.5 Os postes destinados à sustentação da rede devem estar fixados a, no mínimo, 50 cm de distância das linhas laterais da quadra.

2.6 Por medida de segurança, é obrigatória a instalação de proteção nos postes laterais de sustentação da rede durante a realização de partidas de competições oficiais.

Regra nº 3.0 – Da peteca, suas dimensões, peso e material

3.1 A base da peteca deve ter entre 5 cm e 5,2 cm de diâmetro e sua altura total deve ser de 20 cm, incluindo as penas.

3.2 O peso da peteca deve ser de 40 a 42 gramas, aproximadamente.

3.3 As penas devem ser brancas, em número de quatro, montadas paralelamente duas a duas, de modo que o quadrado formado por elas caiba num círculo ideal com diâmetro de aproximadamente 5 cm.

3.4 As penas podem ter outra coloração nas situações em que a cor branca prejudicar a visibilidade dos jogadores ou de meios de gravação em vídeo.

3.5 A base deve ser construída com discos de borracha, montados em camadas sobrepostas.

Regra nº 4.0 – Da arbitragem, do árbitro e seu auxiliar

4.1 A equipe de arbitragem é composta, para cada jogo, de um árbitro principal e um árbitro auxiliar, responsáveis pelas anotações na súmula e marcação do tempo oficial de posse da peteca.

4.1.1 A súmula de um jogo não pode ser rasurada e, em casos de equívoco e necessidade de alteração de anotação, o árbitro principal deve dirigir-se à Mesa da Comissão Organizadora, nos intervalos ou no final do jogo, para obter a homologação das anotações corretas.

4.1.2 O árbitro principal e seu auxiliar devem estar uniformizados para o exercício de suas funções.

4.2 O árbitro principal dirige o jogo e suas decisões são soberanas.

4.3 Compete ao árbitro principal conduzir o jogo com precisão, registrando as ocorrências em cada *set* e fazendo, em conjunto com o auxiliar, a contagem dos pontos em voz alta, quando não houver placar para o público.

4.4 Para os jogos oficiais, caberá à Confederação Brasileira de Peteca ou às entidades regionais de administração do desporto (Federações) a indicação dos árbitros e seus auxiliares, com as mesmas atribuições definidas no item 4.3 supra.

4.5 Para os jogos amistosos, os árbitros serão escolhidos pelos organizadores, preferencialmente entre aqueles homologados pela CBP ou pelas entidades regionais de administração do desporto (Federações).

4.6 Os árbitros devem sinalizar os eventos de um jogo de acordo com a convenção adotada pela CBP.

4.7 O árbitro principal e seu auxiliar escalados oficialmente não podem ser recusados por atletas, seus clubes ou entidades regionais de administração do desporto (Federações) a que pertencem.

4.7.1 A critério exclusivo da Comissão Organizadora de uma competição, integrantes da equipe de arbitragem podem ser substituídos no decorrer de uma partida.

4.8 Todos os atletas e o técnico da equipe têm direito de dirigir-se, sempre de forma educada, ao árbitro principal para pedido de tempo ou qualquer explicação a respeito do jogo.

Regra nº 5.0 – Da divisão das categorias por faixas etárias

5.1 As equipes, de acordo com a faixa etária dos jogadores, agrupam-se nas seguintes categorias:

Categorias Femininas	Categorias Masculinas
Pré-Mirim (até 9 anos)	Pré-Mirim (até 9 anos)
Mirim (10 a 12 anos)	Mirim (10 a 12 anos)
Infantil (13 a 16 anos)	Infantil (13 a 16 anos)
Juvenil (17 a 20 anos)	Juvenil (17 a 20 anos)
Adulto (21 a 29 anos)	Adulto (21 a 29 anos)
Sênior (30 a 39 anos)	Sênior (30 a 39 anos)
Máster I (40 a 49 anos)	Máster I (40 a 49 anos)
Máster II (50 anos acima)	Máster II (50 a 59 anos)
Profissional (idade livre)	Máster III (60 a 69 anos)
	Máster IV (70 anos acima)
	Profissional (idade livre)

5.2 Para efeito de agrupamento nas categorias é considerada a idade em anos inteiros que o atleta completar no ano do evento, não sendo levados em conta nem o dia, nem o mês de nascimento.

5.2.1 É livre a formação das equipes, respeitados os princípios estabelecidos no item 5.3 e seus subitens.

5.3 Os atletas podem competir em categorias diferentes daquelas determinadas pela sua idade, nas seguintes condições:

5.3.1 Os atletas pertencentes às categorias Pré-Mirim, Mirim, Infantil e Juvenil podem inscrever-se livremente em qualquer uma das categorias acima daquela a que pertencem, limitados à Categoria Adulto.

5.3.2 Os atletas pertencentes às categorias Sênior, Máster I e II (Feminino e Masculino), Máster III e Máster IV (Masculino) podem inscrever-se livremente em qualquer uma das categorias abaixo daquela a que pertencem, limitados à Categoria Adulto.

5.3.3 Os atletas da categoria Adulto podem competir somente na categoria a que pertencem pelo critério de idade.

Regra nº 6.0 – Da formação das duplas, dos atletas e limites de inscrição

6.1 O desporto da peteca é um jogo para ser disputado por duplas ou por equipes compostas por um único atleta (simples).

6.1.1 O jogo de duplas não pode ser realizado com apenas um atleta.

6.1.2 Para as categorias Máster II (Feminina e Masculina), Máster III e Máster IV Masculinas é permitida a inscrição de até 3 atletas.

6.1.3 Os atletas que optarem pela disputa da Categoria Profissional num Campeonato Brasileiro não poderão competir em nenhuma uma das demais categorias nessa mesma competição.

6.2 O Regulamento de cada competição deve definir a forma de composição das equipes, se duplas ou simples.

- 6.3 Os atletas devem comparecer aos jogos trajando uniforme composto de camisa ou camiseta, calção para o masculino, bermuda ou *short* para o feminino, meias e tênis.
- 6.4 As camisas ou camisetas e os calções, bermudas ou *shorts* devem ser iguais para os integrantes da equipe e as meias devem ser da mesma cor, podendo ser desprezados os detalhes.
- 6.5 Os atletas devem se apresentar para o jogo com seus uniformes limpos e bem cuidados.
- 6.6 Nas equipes compostas por três atletas, conforme definido no item 6.1.2, o jogo poderá ser iniciado com dois deles presentes no horário estipulado, podendo o terceiro habilitar-se na Mesa da Comissão Organizadora após o início da partida.
- 6.7 Atletas não inscritos nos prazos regulares pré-estabelecidos não podem participar do jogo.

Regra nº 7.0 – Da definição do ponto e tomada do saque

- 7.1 O jogo de peteca é disputado no sistema de ponto direto.
- 7.1.1 A equipe que saca tem o tempo estipulado em vinte segundos para a conquista do ponto em disputa.
- 7.1.2 Se a equipe que sacou não concretizar o ponto no tempo oficial de 20 segundos, será contado ponto para a equipe adversária.
- 7.1.3 A equipe vencedora do ponto continua sacando até que essa situação mude ou que o jogo termine.
- 7.1.4 A contagem do tempo oficial da posse da peteca será sempre reiniciada depois de cada ponto conquistado ou do término desse tempo, situação em que o direito do saque passa para a equipe adversária.

7.1.5 O ponto em disputa somente se define por decurso do tempo oficial da posse da peteca ou quando a peteca tiver caído no chão, independentemente se ela vier a cair fora dos limites da quadra ou na própria quadra de quem a tocou.

7.1.6 Comete falta o atleta que, nessa circunstância, tocá-la antes dessa definição.

7.1.7 Se a peteca tocada passar por baixo da rede e, de forma inequívoca, não restar dúvida sobre a definição do ponto, o árbitro deve encerrar a disputa do ponto assim que ela cruzar o plano vertical ideal projetado pela rede, mesmo que toque em qualquer atleta ou por ele seja tocada.

Regra nº 8.0 – Do jogo, dos *sets*, pontuação, tempo, desempate e troca de lado

8.1 O atleta deve conhecer as regras do desporto da peteca e cumpri-las com rigor.

8.2 A partida é definida em melhor de três *sets*, consagrando-se vencedora a equipe que ganhar dois *sets*.

8.3 Os dois primeiros *sets* se resolvem quando uma das equipes atingir a marca de 25 (vinte e cinco) pontos, com uma diferença obrigatória de dois pontos.

8.4 É considerada vencedora do *set* a equipe que:

8.4.1 Nos dois primeiros *sets*, completar a marca de 25 (vinte e cinco) pontos, sempre com uma diferença obrigatória de dois pontos.

8.4.2 No terceiro *set*, caso necessário, atingir a marca de 15 (quinze) pontos, sendo sempre necessários dois pontos de diferença para essa definição.

8.5 Em caso de força maior ou de necessidade justificada, a critério da CBP ou das entidades regionais de administração do desporto, com o conhecimento e aval da CBP, o número de pontos e o número de *sets* podem ser modificados antes do início das competições ou no decorrer de suas fases, não implicando, dessa forma, desrespeito ao Regulamento.

8.6 A escolha da quadra deve obedecer à seguinte ordem:

- 8.6.1 Antes do início da partida, o árbitro principal realiza o sorteio para decidir qual equipe executará o primeiro saque, assim como o lado da quadra em que cada uma atuará durante o primeiro *set*.
- 8.6.1.1 O sorteio será realizado com a presença dos capitães das duas equipes.
- 8.6.1.2 O vencedor do sorteio escolherá entre:
- 8.6.1.2.1 O direito de executar ou receber o primeiro saque.
- 8.6.1.2.2 O direito de escolher o lado da quadra em que sua equipe iniciará a partida.
- 8.6.1.3 Ao perdedor do sorteio, é reservado o direito às alternativas restantes.
- 8.6.2 No segundo *set* não deve haver troca de posições e as equipes permanecem na quadra como terminaram o primeiro *set*, mas o saque passa à equipe que não iniciou o jogo sacando.
- 8.6.3 Caso o terceiro *set* (ou *set*-desempate), de caráter decisivo, seja necessário, um novo sorteio será realizado nos mesmos moldes do artigo 8.6.1.
- 8.7 A troca automática de lado na quadra entre as equipes durante os *sets* ocorre quando:
- 8.7.1 Nos dois primeiros *sets*, assim que uma delas atingir a contagem de 12 (doze) pontos.
- 8.7.2 No terceiro *set*, quando houver, assim que uma delas atingir 8 (oito) pontos.
- 8.7.3 Na troca de lado da quadra pelas equipes é obrigatório um tempo técnico de um minuto.
- 8.8 O árbitro principal anunciará o placar após a definição de cada ponto, preservando-se, dessa maneira, a ordem e a segurança na contagem dos pontos, ficando proibidas quaisquer anotações de pontos na súmula sem seu pleno conhecimento.

8.8.1 A responsabilidade pelo anúncio de cada ponto do placar pode ser transferida pelo árbitro principal a seu auxiliar, ficando dispensada quando houver placar para o público.

8.9 Cada equipe pode pedir, por *set* disputado, no máximo dois tempos de um minuto cada.

8.9.1 Para um pedido de tempo, a equipe deverá fazer a solicitação ao árbitro principal, desde que a peteca esteja fora de jogo.

8.10 Durante a partida, se a equipe for composta por um trio, é permitido o rodízio ilimitado entre os seus três atletas, desde que a peteca esteja fora de jogo.

8.10.1 O rodízio dos atletas independe de autorização do árbitro.

8.11 Durante a partida, quando for o caso, o terceiro atleta e o treinador devem permanecer sentados no banco de reserva, ou de pé na área previamente determinada pelo árbitro principal, e podem dar instruções aos atletas de sua equipe.

8.11.1 O treinador também deverá assinar a súmula e estar devidamente uniformizado.

8.12 É de três minutos o tempo de intervalo entre os *sets* de uma partida.

8.13 As equipes têm direito a, no máximo, cinco minutos para aquecimento na quadra antes do início da partida.

Regra nº 9.0 – Das interrupções do jogo e da lesão de jogadores

9.1 Nas situações imprevistas, a critério do árbitro, o jogo pode ser interrompido e, quando for reiniciada a disputa do ponto, o saque pertencerá à equipe que detinha a posse da peteca, com direito ao restante do tempo oficial.

9.1.1 Se a paralisação for inferior a trinta minutos, o jogo tem sequência normal, mantendo-se os resultados até ali registrados.

- 9.1.2 Se o jogo não puder ser reiniciado dentro do tempo de trinta minutos, contado a partir do início da paralisação, a Comissão Organizadora deve marcar novo horário e data, dentro do evento, para sua complementação, prevalecendo o resultado do *set* ou *sets* concluídos até o momento da interrupção, e recomeçando a partida com o resultado e tempos até então anotados.
- 9.2 No caso de contusão ou problema de saúde de um atleta, é concedido até um minuto de interrupção para sua substituição se a equipe contar com o terceiro atleta, e até cinco minutos, se a equipe for uma dupla, de modo a permitir que o atleta com problema possa recuperar a condição de jogo.
- 9.2.1 Se a equipe for composta de três atletas e um deles não puder continuar jogando, o jogo terá prosseguimento normal com a entrada do terceiro atleta.
- 9.2.2 Se a equipe for composta de dois atletas e um deles não puder continuar jogando ao final do tempo de interrupção de 5 minutos, o *set* e a partida são encerrados, devendo ser consideradas as condições estabelecidas nos três seguintes subitens:
- 9.2.2.1 O *set* ou os *sets* já disputados são considerados válidos e têm sua pontuação confirmada.
- 9.2.2.2 O *set* em disputa é encerrado e atribuído o placar de 25x0 (ou 15x0 no caso do *set*-desempate) para a equipe adversária.
- 9.2.2.3 Ao *set* ainda não disputado é atribuído o placar de 25x0 (ou 15x0 no caso do *set*-desempate) para a equipe adversária.

Regra nº 10.0 – Do saque, infrações, repetição, pontos para o adversário, disposições gerais

- 10.1 O saque é a colocação da peteca em jogo, imediatamente após a autorização do árbitro para início da partida ou da disputa de um ponto.
- 10.1.1 No saque, a peteca deve ser batida com uma das mãos e arremessada por cima da rede para o campo do adversário.

10.2 Para o saque, o atleta deve se colocar fora da quadra, atrás da linha de fundo e dentro da projeção das linhas laterais, podendo escolher a posição que lhe convier dentro desses limites.

10.3 Se, no ato de sacar, a peteca cair da mão do atleta sem ter sido tocada, o saque deve ser repetido.

10.4 O saque pode ser dado, indiferentemente, por qualquer um dos atletas participantes do jogo.

10.5 O saque pertence sempre à equipe que:

10.5.1 Vencer o ponto em disputa.

10.5.2 Recuperar o direito ao saque quando a equipe que havia sacado não concretizar o ponto em disputa no tempo oficial de posse de peteca.

10.5.3 Tiver a reversão da posse do saque determinada pelo árbitro em razão de falta ou infração disciplinar da equipe adversária.

Regra nº 11.0 – Das infrações do saque

11.1 O saque é revertido à equipe adversária:

11.1.1 Quando a peteca não chegar ao campo do adversário.

11.1.2 Quando a peteca passar por baixo da rede.

11.1.3 Quando a peteca passar por cima da rede, mas fora da projeção vertical das linhas demarcatórias laterais.

11.1.4 Quando a peteca cair fora dos limites da quadra.

11.1.5 Quando a peteca for carregada ou conduzida.

11.1.6 Quando o atleta sacar de dentro dos limites da quadra, incluindo-se neles as linhas demarcatórias.

11.1.7 Quando o atleta sacar de fora da área delimitada pelo prolongamento das linhas demarcatórias laterais, ainda que com parte de seu corpo.

11.1.8 Quando a peteca tocar no atleta da mesma equipe antes de passar para o campo do adversário.

11.1.9 Quando a peteca, em seu trajeto aéreo, tocar em qualquer objeto fixo antes de poder ser defendida pelo adversário, como, por exemplo, teto de quadras cobertas, etc.

Regra nº 12.0 – Dos toques, consequências e interpretações diversas

12.1 No decorrer do jogo, em qualquer circunstância, a peteca só pode ser batida com uma das mãos, uma única vez e por um único atleta.

12.2 A peteca que, durante o jogo, toca na fita superior da rede ultrapassando-a, inclusive no saque, é considerada em jogo.

12.2.1 Se numa jogada, inclusive no saque, a peteca tocar a fita superior, ultrapassar a rede e nela ficar dependurada, sem cair no chão, o saque volta para a equipe que havia sacado e o árbitro principal considera os segundos até então decorridos.

12.2.2 Se numa jogada, inclusive no saque, a peteca tocar a rede na sua parte superior e, sem cair no chão, nela ficar dependurada do lado da equipe que fez o toque, o saque é revertido para a outra equipe, com a contagem de ponto, se for o caso.

Regra nº 13.0 – Das faltas

13.1 São as seguintes as faltas registradas que contam ponto ou reversão do saque a favor da equipe adversária:

13.1.1 A invasão sobre a rede, que consiste na passagem de uma ou das duas mãos por cima da rede.

13.1.2 O toque na peteca por um atleta com as duas mãos ou pelos dois atletas, ao mesmo tempo, com qualquer uma de suas mãos.

13.1.3 A carregada ou a condução da peteca.

13.1.4 A invasão sob a rede, considerando as exceções abaixo:

13.1.4.1 É permitido tocar a quadra adversária com o(s) pé(s), desde que alguma parte dele(s) permaneça(m) em contato com a linha central, ou a projeção do(s) pé(s) no solo esteja sobre a linha central.

13.1.4.2 É permitido tocar a quadra adversária com qualquer parte do corpo acima dos pés, desde que isso não interfira na jogada do adversário.

13.1.4.3 Um jogador pode entrar na quadra adversária depois que a peteca se tornar “fora de jogo”.

13.1.5 O toque na rede, por qualquer um dos atletas, em qualquer circunstância.

Regra nº 14.0 – Das infrações disciplinares e da expulsão do jogador

14.1 São as seguintes as infrações disciplinares registradas que contam ponto a favor da equipe adversária:

14.1.1 Quando o atleta chutar a peteca.

14.1.2 Quando o atleta não aceitar a decisão do árbitro ou praticar ato de desrespeito ao árbitro e seu auxiliar, adversários, membros da organização e público presente:

14.1.2.1 Quando o atleta tiver conduta antidesportiva, a critério da equipe de arbitragem.

14.1.2.2 Quando o atleta abandonar o local do jogo, sem autorização do árbitro.

14.1.2.3 Quando o atleta praticar ato ofensivo caracterizado como preconceito racial, econômico, religioso, ideológico, de gênero, etc.

14.2 Em todas as infrações disciplinares, o infrator é passível das seguintes punições:

14.2.1 Advertência (cartão amarelo).

14.2.2 Expulsão do jogo (cartão vermelho).

14.3 O atleta recebe obrigatoriamente o cartão vermelho, com a conseqüente expulsão, quando, já tendo na partida recebido cartão amarelo, comete nova infração disciplinar passível de punição.

14.3.1 A pena de aplicação de cartão amarelo ao atleta numa partida não é transferida para outras partidas.

14.4 Numa equipe composta por três atletas, o atleta expulso pode ser substituído e a partida tem curso normal.

14.5 Se a equipe for composta por somente dois atletas e um deles for expulso, o *set* e a partida são encerrados, devendo ser consideradas as condições estabelecidas nos três seguintes subitens.

14.5.1 O *set* ou os *sets* já disputados são considerados válidos e têm sua pontuação confirmada.

14.5.2 O *set* em disputa é encerrado e é atribuído o placar de 25x0 (ou 15x0 no caso do *set*-desempate) para a equipe adversária.

14.5.3 Ao *set* ainda não disputado é atribuído o placar de 25x0 (ou 15x0 no caso do *set*-desempate) para a equipe adversária.

14.6 O atleta expulso numa partida pode jogar a partida ou partidas seguintes da tabela de uma competição.

14.6.1 Em razão dos fatos e atos que motivaram a sua expulsão ou de representação da Procuradoria da Justiça Desportiva, o atleta expulso fica sujeito ao julgamento pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva, no caso de eventos organizados pela CBP, ou pelos Tribunais de Justiça Desportiva, no caso de eventos organizados no âmbito das entidades regionais de administração do desporto.

14.6.2 O atleta que tiver uma segunda expulsão num mesmo campeonato fica automaticamente excluído da competição.

14.6.2.1 Se a equipe for composta por dois atletas e um deles for expulso pela segunda vez, essa equipe será penalizada com WO no caso de ter mais jogos na competição.

14.6.2.2 Se a equipe for composta por três atletas e um deles for expulso pela segunda vez e excluído da competição, essa equipe pode continuar na disputa com os dois atletas remanescentes.

14.7 A equipe penalizada com WO em qualquer fase da competição não pode continuar na disputa, independentemente dos motivos da pena ou de sua ausência, inclusive os casos fortuitos ou de força maior.

14.7.1 Quando uma equipe for eliminada da competição, seja qual for a circunstância, os resultados dos jogos por ela realizados devem ser desprezados, e o placar desses jogos deve ser de dois *sets* a zero, com placar de 25x0 em cada *set*, em favor do adversário ou adversários.

14.8 O atleta inscrito que não comparecer à competição deve apresentar justificativa formal de sua ausência e pode sujeitar-se às sanções previstas no Regimento Interno da Confederação Brasileira de Peteca.

14.8.1 É passível de multa, conforme disposições do Regimento Interno da CBP, a entidade representada pelo atleta que faltar à competição em que foi inscrito.

As alterações das Regras Oficiais do Desporto da Peteca, consolidadas no presente texto, foram aprovadas na Assembleia Geral da Confederação Brasileira de Peteca realizada às 9h30 do dia 4 de novembro de 2019, na Sala de Reuniões do Clube Monte Líbano de São José do Rio Preto, localizado na Rodovia Washington Luís, km 446, em Mirassol, Estado de São Paulo.

São José dos Campos, 11 de maio de 2020.

Confederação Brasileira de Peteca

Juliano de Oliveira, Presidente

Vitor Nunes Fonseca Torres, Vice-Presidente

Wilson Uhren, Diretor Técnico

ANEXO B – Autorização Adriana Elizete**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Adriana Elizete Costa,
CPF 01491851627, RG MG13.215.132, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Belo Horizonte, 7 de junho de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

[Assinatura]

Fonte entrevistada

ANEXO C – Autorização Ana Romano

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, Ana Maria Romano,
 CPF 876.515.646-34, RG MG-746.951, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Acucena, 21 de JULHO de 2020

Amanda Franciele Silva
 Mestranda e jornalista

Ana Maria Romano
 Ana Maria Romano
 Fonte entrevistada

ANEXO D – Autorização Carlos Henrique**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

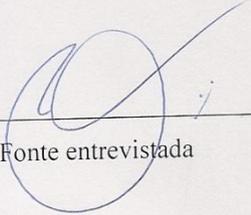
Eu, CARLOS HENRIQUE EANGS OLIVEIRA,
 CPF 044.689.726-45, RG M.8623.616, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 15 de novembro de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva
 Mestranda e jornalista



 Fonte entrevistada

ANEXO E – Autorização César Moreira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, CÉSAR DE PAULA MOREIRA,
CPF 028.897-556-14, RG M. 6 792 354, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

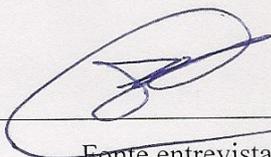
Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Patrocínio, 31 de julho de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista



Fonte entrevistada

ANEXO F – Autorização Douglas Silva**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Douglas Silva Ribeiro,
CPF 079.416.696-25, RG MG-14.138.701, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 08 de agosto de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Douglas Silva Ribeiro

Fonte entrevistada

ANEXO G – Autorização Evelin Martins**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Evelin A. M. SIQUEIRA MARTINS,
CPF 848.962.306-63 RG M-4.101.276, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Udi, 16 de Agosto de 2019

Amanda L. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

[Assinatura]

Fonte entrevistada

ANEXO H – Autorização Gabriela Moreira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Gabriela Queiroz Moreira,
CPF 063.178.43651, RG MG 19.572.616, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Patrocínio, 29 de julho de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Gabriela Queiroz Moreira

Fonte entrevistada

ANEXO I – Autorização João Pedro

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, João Pedro Venâncio Venancio e Souza,
 CPF 091.311.006-00, RG MG 11 262 348, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 16 de agosto de 2019

Amanda L. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

João Pedro Venâncio Venancio e Souza

Fonte entrevistada

ANEXO J – Autorização José Adolfo**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, JOSE ADOLFO ALVES RIBEIRO,
 CPF 450.889.006-78, RG M2.926755, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberaba, 08 de agosto de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Rafael Duarte Oliveira Venancio

Fonte entrevistada

ANEXO K – Autorização Leonardo Assis**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Leonardo de Assis Gomes Pereira,
 CPF 060.058.166-75, RG M611.233.606, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 12 de agosto de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Leonardo de Assis Gomes Pereira

Fonte entrevistada

ANEXO L – Autorização Marcelo Fortunato**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Marcelo Raimundo Fortunato,
CPF 903.188.896-68, RG M 4.408.447, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Contagem/MG, 19 de Julho de 2020

Amanda L. Silva

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista

Marcelo Fortunato

Marcelo Fortunato
Fonte entrevistada

ANEXO M – Autorização Marco Antonio**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Marco Antonio Silva Javars,
CPF 109.243076-84, RG 17.418.921, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 21 de agosto de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista

Marco Antonio Silva Javars

Fonte entrevistada

ANEXO N – Autorização Marco Túlio**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Marco Túlio Rezende Mendes Gomes,
CPF 109.795.196-08, RG MG 15.590.483, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 15 de Novembro de 2019

Amanda da Silva

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista

Marco Túlio R. Mendes Gomes

Fonte entrevistada

ANEXO O – Autorização Maria Aparecida**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, MARIA APARECIDA DE ANDRADE,
CPF 735.780.886-68, RG M.5.020-485, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Belo Horizonte, 7 de junho de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

[Assinatura]

Fonte entrevistada

ANEXO P – Autorização Maria Luiza

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, Daniel de Brito Rodrigues,
 CPF 627.586.086-34, RG M4 539 862, responsável por
Maria Luiza Carvalho Rodrigues,
 CPF 701.705.506-40, RG 21.561.579 depois de conhecer e entender os
 objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca
 em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional
 Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação
 (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância
 do uso de imagem e/ou depoimento da pessoa pela qual sou responsável, especificados no
 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente
 termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira
 Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam
 necessárias e/ou gravar o depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para
 publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uberlândia, 21 de agosto de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva
 Mestranda e jornalista

[Assinatura]
 Responsável fonte entrevistada

ANEXO Q – Autorização Paulo Caixeta**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Paulo Ricardo Correa Caixeta,
CPF 089.557.996-08, RG MG 13.040.282, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Belo Horizonte (MG), 23 de Julho de 20 20

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista



Paulo Caixeta
Fonte entrevistada

ANEXO R – Autorização Ricardo Caldeira**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Ricardo Caldeira,
CPF 841537096-20, RG 164045913, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Belo Horizonte, 9 de junho de 2019

Amanda L. Silva

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista

[Assinatura]

Fonte entrevistada

ANEXO S – Autorização Ricardo Delgado**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, RICARDO DELGADO DA SILVA,
CPF 307.328.996.69, RG 37.304.543, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Patrocínio, 19 de setembro de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva
Mestranda e jornalista

RICARDO

Fonte entrevistada

ANEXO T – Autorização Ricardo Ivan

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, Ricardo Ivan da Silva,
 CPF 848 894 626 -00, RG m7909063, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Patrocínio, 23 de julho de 2019

Amanda F. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Ricardo Ivan da Silva

Fonte entrevistada

ANEXO U – Autorização Ricardo Madruga**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS**

Eu, Ricardo de Assis Madruga Júnior,
CPF 005.584.166-08, RG M-7-927.009, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios do trabalho “Memória da peteca em Minas Gerais: um projeto de livro-reportagem”, do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar de Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, por meio do presente termo, a mestranda Amanda Franciele Silva com o professor orientador Rafael Duarte Oliveira Venancio, responsável pelo referido projeto, a realizar as entrevistas e fotos que se façam necessárias e/ou gravar meu depoimento em áudio/vídeo.

Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para publicação do livro que será produzido pela jornalista Amanda Franciele Silva.

Uma, 08 de Agosto de 2019

Amanda L. Silva

Amanda Franciele Silva

Mestranda e jornalista

Ricardo Madruga

Fonte entrevistada

APÊNCICE – Prévia do livro *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair*



Dobrando a fita:

memórias de mineiros que
não deixam a peteca cair

AUTORA

Amanda Franciele Silva

PREFÁCIO

Luciano Victor Barros Maluly

REVISÃO DE TEXTO

Marina Colli de Oliveira

Nayara de Sousa Ferreira

CAPA

Amanda Franciele Silva

Paula França Ferreira

*“Eis a verdade inapelável e eterna –
só o grande amor faz o grande escrete”*
(Nelson Rodrigues, 2013, p. 76).²⁷

*“Para nós, o futebol [ou a peteca] não
se traduz em termos técnicos e táticos,
mas puramente emocionais”*
(Nelson Rodrigues, 1993, p. 29).²⁸

²⁷ RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

²⁸ RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Marco e Edivania e às minhas irmãs Fernanda e Camylla, por serem a equipe base desta e de todas as minhas conquistas. Amo vocês.

À minha vovó Guita, por me passar o amor pelo esporte e compartilharmos momentos emocionantes. Obrigada por ser essa pessoa intensa e apaixonante. Meu maior troféu é você.

À minha bisavó Elizena, que passava as tardes me contando causos familiares e, apesar da idade, sempre esteve presente nas comemorações de minhas conquistas. Tenho certeza que está orgulhosa lá de cima.

Ao meu tio Ricardo, meu primeiro técnico, que lançou toda a família no mundo da peteca e nos proporcionou tantas histórias e aventuras.

À minha avó Eni. Aos meus padrinhos Reginaldo, Edivar, Selinho e Antônio, e às minhas madrinhas Abigail, Gislene,

Renata e Marília. A todos os meus tios e tias. Obrigada por serem meus fiéis torcedores, família.

Aos meus primos Gustavo, Augusto, Mikael, Ricardinho, Guilherme e Cristina, e aos meus afilhados Luiz Gustavo, Thomáz, Maria Clara e Isabela por serem as minhas maiores alegrias.

À minha pequena família de amigos que sempre acreditou que um dia nos reuniríamos para ler um livro meu – mesmo quando eu ainda não sonhava em ser jornalista. Beatriz Jordão, Bruna França, Cynthia Lara, Isadora Aleixo, Lettycia Fernandes e Matheus Maciel: mais de 15 anos depois, aqui estamos!

À Giovana Matusita, Marina Colli e Nayara Ferreira, por acompanharem ponto a ponto desta partida, lendo cada rascunho e me dando a mão a cada surto. Sem vocês me motivando a continuar, eu não teria chegado tão longe sã.

Aos amigos Bruna Isa, Carolina Valadares, Débora Inácio, Felipe Costa, Flahana Pfeifer, Gabriel Santana, Guilherme Argel, Isadora Ramos, Juliana Davi, Juliana Souza, Lorena Martins,

Marcella de Paula, Marina Figueroa, Maysa Vilela e Thales Tintori, pelo companheirismo e leveza. Obrigada por serem apoio constante à beira da quadra.

Ao Rafael Venancio, meu técnico em tantas competições acadêmicas, por sempre confiar em meu potencial e tentar extrair o meu melhor. Obrigada por não me limitar, pelo contrário, por impulsionar meus voos.

À Mirna Tonus, por estar presente em todas as minhas partidas decisivas na faculdade, sempre com o olhar atento e carinhoso, me incentivando a ser melhor.

Ao Luciano Maluly, pelas considerações e pelas emocionantes palavras do prefácio.

Ao Marcelo Mahl e à Adriana Omena, pela atenção e pelas contribuições no mestrado e na produção deste livro.

Ao Leonardo e à Luciene, pela confiança frente à Liga Triangulina de Peteca e pelo companheirismo na busca de uma peteca mais inclusiva e igualitária.

Aos meus entrevistados: Adriana, Ana Romano, Carlos Henrique, Cidinha, Delgado, Douglas, Evelin, Gabi, Jacaré, João Pedro, Juliene, Madruga, Malu, Marcelo, MT, Muído Paulo, Pimenta, Toninho e José Adolfo. Vocês são parte essencial desta história e a memória viva do esporte. Obrigada por não deixarem a peteca cair e por inspirarem gerações. Agradeço também por doarem seu tempo e atenção a esta jornalista – em especial as enciclopédias do esporte que me auxiliaram com datas e locais: tio Ricardo e Pimenta.

A todos os petequeiros, obrigada por darem vida e continuidade ao nosso esporte. Sigamos jogando lado a lado.

À peteca, esporte que me formou como ser humano. Obrigada por ser apaixonante, mineira e importante. Tenho orgulho de tê-la em inúmeras das minhas histórias e de lutar por sua valorização e preservação.

À Nelson Rodrigues, Juca Kfourri, Sócrates, Corinthians e esportes em geral, por tornarem meu dia a dia mais emocionante e grandioso culturalmente, politicamente e socialmente.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO – Meu lugar	12
PARTE I – Mesa organizadora	17
PARTE II – Família no pódio	52
PARTE III – Mascotinhos e educadores	87
PARTE IV – Anos de Ouro	148
PARTE V – Força feminina	207
PARTE VI – Heróis atuais	237
POSFÁCIO – É preciso aprender com a história	283
NOTA DA AUTORA	289
LISTA DE PERSONAGENS	291

PREFÁCIO

Por Luciano Maluly

"Quando eu era menino, os mais velhos perguntavam: o que você quer ser quando crescer? Hoje não perguntam mais. Se perguntassem, eu diria que quero ser menino", frase escrita por Fernando Sabino e publicada no livro *A vitória da infância*²⁹.

Esse pensamento foi o primeiro que surgiu em minhas memórias quando recebi o convite para prefaciar a obra *Dobrando a fita: memórias de mineiros que não deixam a peteca cair* (2020), da jornalista mineira Amanda Franciele Silva. As justificativas para a escolha da frase acima são simples: assim como a autora, Sabino era mineiro e tenho quase certeza de que também gostava de jogar peteca.

Quando comecei a digitar este texto, tive vontade de sair correndo e ir até uma Loja de 1,99 para comprar aquele brinquedo que não existe mais nas casas especializadas. Chamaria todos os amigos para formarmos uma roda igual àquelas que fazem os

²⁹ SABINO, Fernando. **A vitória da infância**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008, p.4.

jogadores de voleibol durante o aquecimento antes dos jogos. Passaríamos a tarde inteira entre brincadeiras e bate-papos cheios de recordações. No final do encontro, eu contaria ao grupo sobre uma jovem jornalista que contava histórias sobre os atletas e campeonatos da modalidade que, para nós, era apenas um instrumento de alegria e lazer.

Cada personagem do delicioso livro de Franciele Silva é retratado por meio de um carinho especial, pois foram “pintados” pela escrita e pela fotografia. Assim, revelaram o universo da modalidade da qual a autora também é praticante. A leitura dessas histórias desperta no leitor o desejo de contar a trajetória de cada pessoa que foi importante em sua vida, como se fosse possível reencontrá-las por meios de depoimentos.

Portanto, esta pequena obra-prima do jornalismo esportivo ensina que a Peteca é muito mais que um esporte, porque une todos os elementos de felicidade alicerçados no bem-estar do corpo e da alma. Como repórter esportivo, gostaria de ser escalado para a cobertura especial de uma partida de peteca, com Amanda Franciele Silva narrando a partida final do Campeonato Brasileiro, em Uberlândia, MG. Seria a realização de mais um sonho de menino semelhante ao prazer de escrever este prefácio.

Luciano Victor Barros Maluly é professor de Jornalismo Esportivo no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

APRESENTAÇÃO

Meu lugar

Aqui, sentada em frente a estas quadras abertas do Praia Clube que já me fizeram tão feliz, fico chocada como a vida muda.

Hoje essas quadras costumam ficar vazias, mas foram incontáveis as vezes em que as vi lotadas. Era uma dessas pessoas, ainda em miniatura, mas pertencente a uma multidão apaixonada. Agora, em tamanho adulto, me sento novamente aqui, procurando encontrar uma paz de espírito.

A pequena Amanda esbanjava um sorriso eufórico – muitas vezes gritos também – e tinha um propósito de vida, aliás, uma vida inteira planejada em cada mínimo detalhe. Possuía o controle do futuro nas mãos: médica de criancinhas, campeã de peteca, uma casa grande com dois filhos e uma cachorrinha.

Alguns sonhos permanecem, outros mudaram. Não que haja algo de errado nisso, mas me sinto impotente frente ao futuro, ao contrário da voluntariosa pequena Amanda.

A grande Amanda possui cara de paisagem e um olhar de indecisão, até mesmo um pouco de raiva e decepção com a vida.

A pequena Amanda conhecida por todos e auxiliar dos campeonatos, que vivia correndo de um lado para o outro a procura de resultados e brindes, pertencia àquela vida, àquele lugar e àqueles sonhos. Agora tudo parece distante e me sinto como se não pertencesse a mais nada. Nem as quadras parecem mais minhas, estão abandonadas e sem rumo como eu.

A grande Amanda se formou e é completamente apaixonada por jornalismo, mas de que adianta? Estou num limbo: sem perspectiva. Cadê aquela menininha cheia de sonhos? Não que eu tenha deixado de sonhar, mas sonhar atualmente só parece trazer mais dor por não conseguir realizar.

Preciso me encontrar e talvez seja pelas quadras por onde devo começar. Eu amo esse lugar e as lembranças maravilhosas que tenho daqui. Foi aqui que vivi o encanto da infância e do esporte, aqui que aprendi a ser voluntariosa. Mas eu preciso seguir adiante, seguir como a peteca seguiu. Não adianta ficar parada.

Hoje, as quadras são outras. Cobertas em um ginásio, não mais expostas ao sol, vento ou chuva. As quadras mudaram, mas continuam a ter sua magia. E é nelas que reencontro um pouquinho da minha espontaneidade sincera. Nelas ainda vive uma Amanda apaixonada pela peteca, correndo atrás de

resultados – dessa vez por profissão –, sorrindo e gritando eufórica na beirada das quadras. Talvez eu consiga reencontrar a força para acreditar nos meus sonhos e lutar por eles, mesmo que tenham mudado com o tempo.

Às vezes acho que a pequena Amanda é mais forte do que jamais serei. Mas se ela sou eu, por que não tentar? Posso não ter encontrado a paz de espírito que procurava, mas encontrei o desejo de não desistir assim tão facilmente. Afinal, tudo muda, menos a minha identificação com esse lugar.

...

Esse texto foi escrito em uma tarde de maio de 2016, mas representa bem o início deste livro.

O mestrado em Jornalismo, especialmente a escolha pelo foco em peteca, me trouxe um caminho e um conforto no coração. Ele é a realização de um sonho, que na época eu nem sabia que tinha, mas que me fez bem.

Juca Kfour³⁰ afirma que “jornalistas devem guardar distância do objeto de seu trabalho, diz o beabá da profissão. Nem

³⁰ KFOURI, Juca. **Confesso que perdi**: Memórias. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 227.

sempre é viável, às vezes, e não poucas, é impossível”. Para mim, era impossível.

Este livro-reportagem-história-ensaio³¹, uma preservação da memória³², é minha contribuição – ou melhor, minha dobrada de fita – para esse esporte maravilhoso e por inúmeras vezes relegado a subesporte. Um esporte que tem campeões e ídolos andando disfarçados entre vocês, atendendo pacientes, construindo casas, julgando processos, dando aulas... todos invisíveis e sem o reconhecimento que merecem. Um esporte com regras, Federações, relações de amizade e rivalidade, família e sonhos. Um esporte com emoção e paixão.

Mas não sou somente eu que contribuo. Os personagens deste livro são a memória viva da peteca e lutam por sua existência e êxito. Evelin Martins batalhou pela estrutura de peteca do Praia Clube, organizou edições da Copa Itaú – uma das maiores competições de peteca existentes – e esteve nos bastidores da

³¹ Classificação foi feita com base nas categorias de livro-reportagem propostas por Edvaldo Pereira Lima. LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

³² É importante ressaltar que a memória reconstrói uma época e conta histórias, porém sofre interferência do produtor de conteúdo na escolha dos elementos específicos, da ausência de documentação e também da imaginação e os sentimentos dos personagens.

criação da Confederação Brasileira de Peteca (CBP). Ricardo Ivan foi o primeiro educador a se dedicar ao ensino de peteca em escolinhas e deixou um legado. Leonardo Assis criou a Liga Triangulina de Peteca, que busca resgatar o esporte em Minas Gerais e hoje conta com aproximadamente 300 participantes, desde iniciantes a atletas de alto rendimento. Ricardo Pimenta foi o primeiro atleta profissional da peteca e, apesar da idade, busca sempre se adaptar, jogando até hoje em alto nível contra a nova geração. Há ainda tantos outros adjuvantes da peteca que ficaram de fora deste livro – quem sabe em uma segunda edição?

Espero que, ao ler este livro, vocês sintam o prazer que sentimos ao entrar num ginásio de peteca, se interessem em ver uma partida, parabenizem seus campeões, fiquem com vontade de disputar um bom racha ou até de brincar no quintal de casa, mas não deixem a peteca cair.

PARTE I

Mesa organizadora

2019, Uberlândia

Todo final de semana de campeonatos é igual: pouco antes das 18 horas de sexta-feira – 17 de maio, desta vez – entro no clube, vejo rostos conhecidos, as quadras de peteca e o sorriso toma conta.

Fazer parte de um campeonato é maravilhoso, me possibilita aquela sensação de pertencimento, mas é também cansativo: inscrições, informações em *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*, comunicação boca a boca, sorteio de chaves, divulgação e distribuição de camisetas, escrita de discursos, fotos... preparação. E agora os três dias agitados de realização.

O campeonato da vez é a Liga Triangulina de Peteca, do qual faço parte como assessora de comunicação. Essa é a 2ª etapa de 2019 e acontece aqui no Praia Clube. Chego, cumprimento alguns conhecidos e me dirijo à mesa da organização em cima do palco. Lá encontro meu primo Leonardo Assis, o criador e presidente da Liga Triangulina.

Leo, como é conhecido, joga peteca desde criança e fez do esporte sua profissão. O menino que matava aula, pulava muros e viajava escondido, formou-se em Educação Física, tornou-se professor no Praia e montou uma Clínica de Peteca itinerante que ensina iniciação e alto rendimento. Juntou a profissão ao amor à

peteca. Mas ainda assim não estava satisfeito, queria mais: resgatar a importância e fortalecer a prática do esporte na nossa região.

Meu primo Leo cresceu em meio ao auge da peteca em 1990 e viu os grandes nomes – assim como ele mesmo – do Triângulo Mineiro fazerem história em quadra. Viu também o esporte perder a força e a grandiosidade que tinha na década de 2000. Com tudo isso em mente e como um profissional da área, não pôde ficar parado.

Criou então a Liga Triangulina em 2016, inicialmente com três³³ etapas por ano em cidades distintas. O principal diferencial? Era aberta, sem as amarras do jogador ser filiado a um clube ou à Federação, é preciso simplesmente gostar de jogar peteca e fazer sua inscrição. A peteca em massificação, sem olhar idade, gênero, profissionalismo, localidade. Uma volta, ainda que pequena, às origens.

Além das competições, Leozinho busca sempre, durante as etapas, homenagear petequieiros regionais que deram tudo de si na peteca. Um reconhecimento aos que fizeram história.

³³ Em 2019, a Liga Triangulina ampliou para cinco etapas por ano; em 2020, seriam seis etapas, porém a agenda foi suspensa devido à pandemia de Coronavírus (COVID 19) e as recomendações das Organizações de Saúde.

E o projeto tem dado certo, a Liga Triangulina tem crescido. Nesta etapa, batemos o recorde de inscritos em competições abertas do Circuito Peteca Esporte Clube (PEC) Brasil, vamos receber nestes três intensos dias 269 petequeiros, entre mulheres, homens, crianças, jovens, adultos e masters. Os rumores são de que teremos a maior competição de peteca dos últimos 15 anos... Quanta responsabilidade!

Isso me faz lembrar das antigas competições, quando eu olhava para essa mesa com admiração por quem fazia tudo acontecer, sem nem imaginar o tamanho do trabalho que tinham.

Para a pequena Amanda, não passava de uma brincadeira correr para cá e para lá uniformizada tentando “ajudá-los”. Na verdade, o que eles faziam era distrair a mascotinha da família Silva, que não parava de ir à mesa querendo saber de tudo e procurar brindes. Voltava para o lado da minha vó falando sobre quem tinha ganhado o jogo que não tínhamos visto ou sobre que horas seria aquele em que gritaríamos loucamente, além de estar com as mãozinhas cheia de *Gatorade*, camisetas, bonés e canetas... qualquer coisa de peteca já me deixava feliz.

Hoje, sentada à mesa, sou eu quem dá informações e confiro se tudo está bem. Gosto da sensação de uma mulher sentada nessa posição de poder no meio esportivo. Mas eu tive em quem me

inspirar: Evelin Siqueira Martins, ex-atleta e ex-coordenadora de peteca do Praia, uma das quais eu estava sempre pentelhando.

“Na minha opinião, o trabalho que o Leozinho faz é um trabalho que ele não está deixando morrer... Quem começou com esse pequeno trabalho foi a Evelin, lá nos primórdios dos anos 90, ela fazia esse tipo de trabalho. Graças a Deus o Praia ainda tem esse projeto e não deixa morrer”, opina o atleta Ricardo Madruga.

Se a peteca do Praia tem hoje essa estrutura do Ginásio Adalberto Testa (G1), com seis quadras cobertas, é em parte mérito dela. Se uma das maiores competições de peteca, a Copa Itaú, deixou Belo Horizonte, o então palco principal do esporte, para se concentrar em Uberlândia com tanto sucesso, também é mérito dela. Se o Praia se tornou um celeiro da peteca, também é mérito dela.

1994, Uberlândia

Evelin conheceu a peteca em 1988, vindo, no intervalo entre uma aula e outra, seus professores jogarem no campus da Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Começou a jogar ainda nesse ano, após ser desafiada nas quadras praianas, mas foi somente seis anos depois que assumiu a coordenação do esporte. “Eu entrei no Praia mais ou menos em 1994 e a peteca foi uma das modalidades que eu fiquei. Aí eu comecei, além de jogar, a organizar os campeonatos e fizemos toda uma mudança: dois campeonatos [internos] por ano; começamos a entrar na regra de dividir por faixa etária; criar o feminino, porque até então não existia o feminino, o feminino tinha que enfrentar o masculino”.

A partir dessas mudanças, “a gente foi criando dentro do Praia uma família petequeira, porque foi vindo a mãe que levava depois o filho, a moça que levava o namorado e foi virando uma família. E dessa família, o que aconteceu? Nós realmente fomos ganhando espaço dentro do Praia, ganhando alguns títulos. O [Lázaro Soares] Gatola³⁴, por ser um amante do esporte e da

³⁴ Lázaro Soares, conhecido como Gatola, era dirigente do Praia Clube na década de 1990 e começo dos anos 2000. Além disso, foi um dos criadores e o primeiro presidente da CBP.

peteca, ele foi conseguindo alguns espaços na diretoria para a gente viajar, verbas para irmos para outros estados jogar, fazer intercâmbios em Belo Horizonte porque o pessoal lá era muito melhor do que a gente. Eu mesma fui umas três vezes em Belo Horizonte para sentir como elas jogavam, como que era o estilo delas, por curiosidade. E nós fomos trazendo isso para dentro do Praia, para dentro do nosso interior. Porque Belo Horizonte não considerava Uberlândia, não considerava Uberaba, eles achavam que a gente era lixo, eles não admitiam de forma alguma perder para gente”.

1983, Belo Horizonte

A considerada “soberba” BH talvez se deva ao fato de serem os pioneiros no esporte. A Federação Mineira de Peteca (FEMPE), a primeira Federação do esporte, foi criada lá, em 14 de junho de 1975. Foi também na capital que aconteceram o 1º Campeonato Mineiro Adulto – em junho de 1987, com 125 atletas distribuídos em 42 equipes e representando 10 clubes – e o 1º Campeonato Brasileiro de Peteca – em agosto de 1987 no Pampulha Iate Clube, com a participação das seleções de Minas Gerais, São Paulo e Distrito Federal, e 136 atletas divididos em oito categorias.

Belo Horizonte já possuía grandes torneios desde 1980, com variações nos regulamentos de acordo com cada competição e seu organizador. Em 1981 e 1983 foram realizadas duas competições no Campo do Lazer³⁵ que despertaram o interesse da Panda Promoções e Eventos, uma empresa de organização de eventos

³⁵ Inicialmente tratava-se do Estádio Presidente Antônio Carlos, localizado no bairro Lourdes, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O espaço, porém, foi desapropriado e em 1980 tornou-se um local para lazer comunitário sob os cuidados da Secretaria Municipal de Esportes (SMES). Chamado Campo do Lazer, o espaço possuía quadras de peteca e foi muito importante para o início da peteca enquanto esporte, sendo sede de campeonatos importantes na década de 1980 e início de 1990. O Campo do Lazer não existe mais, em seu endereço encontra-se atualmente o shopping Diamond Mall (SANTOS, 2011).

dos irmãos Zech Coelho, que viram potencial de marketing por meio do esporte devido à participação do público e ao sucesso dos torneios de peteca. “A empresa administrava o evento e fazia o trabalho de promoção e divulgação contando com a estrutura física do Campo do Lazer. A realização técnica era feita pelos funcionários da SMES [Secretaria Municipal de Esportes de Belo Horizonte], coordenada por Coutinho”, conta o petequeiro Renato Santos na página 58 da sua dissertação de mestrado³⁶.

A Panda Promoções e eventos montou um projeto de torneio e procurou o Estado de Minas e o Banco Itaú para serem parceiros. O Banco Itaú “queria exatamente ‘emineirar’ a marca dele. Dar uma cara mineira na marca que era muito paulista. Com isso acho que foi atingido o objetivo porque nada mais mineiro do que a peteca, não é?”, explica Carlos Rogério Zech Coelho,

³⁶ SANTOS, Renato Machado dos. **A peteca, o Campo do Lazer e a dinâmica urbana de Belo Horizonte (1980 – 1994)**. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8MEHGR>. Acesso em 21 out. 2018.

diretor da Panda Promoções e Eventos, em entrevista concedida a Renato Santos³⁷.

Surgiu então a competição destaque na década de 1980 e 1990: a Copa Itaú de Peteca. Mesmo tendo a sua primeira edição em 1983, o torneio se intitulava III Copa Itaú de Peteca, devido aos torneios realizados no Campo do Lazer em 1981 e 1982.

A Copa Itaú tinha o regulamento específico feito pela Federação Mineira de acordo com as regras e tinha como novidade a participação de três jogadores, sendo dois titulares e um reserva. Além disso, o torneio oferecia troféus e viagens às equipes campeãs.

A principal novidade, no entanto, era o patrocínio maciço e o destaque na mídia de uma modalidade mineira. O sucesso foi grande, com 1.114 equipes e página inteira no jornal, e a Copa Itaú continuou a crescer na capital mineira.

O atleta belo-horizontino Ricardo Pimenta, nossa lenda do esporte, conta que a peteca elevou de patamar e “mobilizava a cidade inteira. Tinha propaganda, as tabelas eram divulgadas pelo Jornal Estado de Minas, não era nem na Panda, não. Eles fixavam em alguns locais, mas era publicado no jornal. Então o pessoal

³⁷ Entrevista concedida em 26 de junho de 2010 e retirada de SANTOS, 2011, p.58.

ficava na expectativa do jornal para ver a tabela, toda quarta ou quinta-feira quando a tabela saía. O pessoal comprava o Estado de Minas basicamente para ver a tabela”.

A Copa Itaú promovida pela Panda Produções se manteve de 1983 a 1993, quando teve sua última edição em BH³⁸. Posteriormente mudou de patrocínio e de nome para Brahma em 1994, depois para Kaiser em 1995 e 1996 e, por fim, para Chevrolet em 1997 e 1998.

Pimenta detalha como eram essas competições: “muito mais difíceis do que hoje, porque todos os torneios da Panda, eles eram de uma dimensão, assim, enorme. O número de inscritos só perdia para a São Silvestre. Teve competição aí que teve 6 mil inscritos. Você imagina o que que é isso... Mas o torneio também durava três meses, teve uma época que todo final de semana tinham vários jogos e todos os jogos eram eliminatórios, então não tinha aquela chance de recuperar lá na frente”.

É importante destacar que os torneios eram abertos ao grande público e dividido por categorias. “Então não importava quantas pessoas entrassem, se entrassem mil pessoas na categoria, era feito com as mil pessoas. E de acordo com as colocações dos

³⁸ Até 1991, a competição foi realizada no Campo do Lazer, já as edições de 1992 e 1993 foram no Parque das Mangabeiras.

torneios Panda dos anos anteriores, eram feitos os cabeças de chave, então esses na primeira fase não se encontravam. Isso era certo, então tinha a expectativa de que se todos esses ganhassem, a fase final sim, ela ia pegar fogo. Só que então você tinha chave aí com 100 equipes e tinha muita dupla boa nesse intervalo. Você imagina o que que é isso? Mais de 100 equipes por chave! A gente até brincava: eles pegavam os seis primeiros mais fortes que eram os cabeças de chave, e os seis, teoricamente, assim, que não são cabeças de chave, a gente chamava de cabeças de bagre. Um ia para o alto da tabela e o outro ia para o final, com a tendência de se encontrar no final de chave. Então ia afunilando e todo jogo era eliminatório”.

O veterano belo-horizontino explica que “a vantagem que o cabeça de chave tinha era que talvez entrasse tipo numa terceira rodada. Mas era assim, para você ganhar uma chave eram quatro rodadas, no mínimo. Aí você coloca, quatro rodadas para você ganhar uma chave, fazendo a árvore, quatro rodadas, a cada rodada que você está enfrentando um, três já ficaram para trás, aliás, dois já ficaram para trás, aí você vai só crescendo. Para você ganhar quatro jogos, olha quantas pessoas ficaram para trás nessa brincadeira”.

A dimensão do esporte na capital era tão grande que interferia no mercado imobiliário. “A peteca aqui em Belo Horizonte era muito movimentada, você não tem noção do que era a peteca aqui. Se fosse construir um prédio e tivesse quadra de peteca, ele valorizava, assim, pelo menos uns 20%. Sem quadra de peteca, o pessoal nem comprava. Do tanto que o esporte cresceu aqui em Belo Horizonte. Ele só foi perder força quando o Guga apareceu, que aí o tênis passou a tomar esse espaço. Mas, aqui em Belo Horizonte, o mercado imobiliário se quisesse vender um prédio, ele tinha que ter quadra de peteca”, explica Pimenta.

Com a queda na peteca no cenário belo-horizontino, a Copa Itaú – patrocinada pelo banco, mas sem a parceria da Panda – alçaria novos voos e teria seu maior destaque em outro lugar: na “capital do Triângulo Mineiro”³⁹.

³⁹ Uberlândia, situada na região do Triângulo Mineiro, é o segundo município mais habitado de Minas Gerais, atrás somente da capital Belo Horizonte, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uberlândia é considerada a capital da região e da logística.

2000, Uberlândia

Se antes era BH que organizava os maiores campeonatos, com Evelin na coordenação e com o apoio de Gatola, Uberlândia passou inicialmente a dividir o espaço com a capital, e posteriormente – por que não? – a assumir este lugar.

“O Praia foi crescendo e logo a gente conseguiu trazer a Copa Itaú para dentro do Praia, porque ela acontecia só em Belo Horizonte. Aí nós mexemos os pauzinhos aqui e começou a ter a Copa Itaú do Praia que derrubou a Copa Itaú de Belo Horizonte. O Itaú tirou a verba de lá e jogou toda para cá, porque queria fazer um investimento novo e o clube ajudava bastante”, conta a coordenadora.

Evelin destaca que “nós abrimos para qualquer pessoa que quisesse participar. A gente até tinha a categoria iniciante, avançado, o nível maior, então a gente começou a abrir e vir gente de escola para participar e isso chamou muito a atenção do banco na época. E aí eu sei que nós fizemos 10 Copas Itaú, se eu não tiver enganada, consecutivas dentro do Praia”.

Se em 1993 foi o último ano da Copa Itaú em Belo Horizonte, em Uberlândia ela dava os primeiros passos: a 1ª Copa Itaú sediada pelo Praia Clube foi em 1993. Durante os 10 anos

seguintes, o clube seria o palco deste grande evento. A 10ª e última Copa Itaú ocorreu em 2002.

Meu tio Ricardo Ivan, atleta e ex-professor do Praia e do Patrocínio Tênis Clube (PTC) que esteve presente em todas as 10 edições, explica como era o formato da competição: “de 100 duplas só passava uma para a segunda fase, em que enfrentava as duas duplas do Praia e cinco convidados: um de BH, um de Uberaba, um de São Paulo, um de Goiás. E às vezes mais uma dupla convidada de BH ou Uberaba, dependendo da categoria”.

Evelin relembra que quando “a gente fazia aqui uma Copa Itaú, sediava um Brasileiro, a gente se abraçava, era uma família, sabe, eram os pais com os filhos, era uma coisa muito gostosa, você tinha prazer”.

Com o progresso do esporte, veio a necessidade de uma entidade específica da peteca porque até então tinham os torneios nacionais sobre a chancela da Confederação Brasileira de Desportos Terrestres (CBDT).

Evelin conta como foram os bastidores desta criação. “Eu e o Gatola falamos assim: ‘nós precisamos ter uma Confederação’. Porque o que acontece: em todos os lugares tinha interesse. Existiam os amantes da peteca, mas tinham aqueles que tinham os interesses fora a peteca. Então a gente pensou em criar para

fortalecer o Brasileiro, para colocar regras para disputar um Brasileiro, o Brasileiro de Clubes depois né, que até então era uma bagunça danada. E aí a gente criou a Confederação [Brasileira de Peteca]. Quem criou a Confederação foi eu, Gatola e na época começou com o Hélio do Praia, depois o Helinho saiu e foi o Toninho. Aí nós fomos para vários desafios, o Gatola foi chamando os presidentes de cada Federação, porque aí a gente já tinha uma amizade tremenda com todos”.

Ao citar o sucesso da peteca na época de ouro, Evelin relembra nomes de dirigentes próximos e importantes nesta trajetória: Gatola do Praia e da Confederação, Nelsão de Goiânia, Ferreirinha de Brasília, Claudionor de São Paulo e Cardoso do Sul. “Nós éramos amigos, se tinha alguma dúvida a gente reunia, encontrava: ‘o que é melhor para a peteca?’; a gente pensava no esporte e não no atleta. Então quando você tira o esporte [do foco central] e põe o atleta, você perde o valor, porque na verdade o que segura é o esporte, não o atleta. Porque o atleta passa, o esporte fica”.

Surgia assim, em 12 de agosto de 2000, a Confederação Brasileira de Peteca (CBP) que coordena nosso esporte até hoje.

São 10 Federações⁴⁰ afiliadas a CBP, sendo elas: Federação Mineira de Peteca (FEMPE), Federação Goiana de Peteca (FEGOPE), Federação Paulista de Peteca (FEPAPE), Federação Brasiliense de Peteca (FEBRAPE), Federação de Peteca do Estado do Rio de Janeiro (FEPETERJ), Federação de Peteca do Estado de Rondônia (FEPERON), Federação Catarinense de Peteca (FECAPE), Federação Paranaense de Peteca (FEPPE), Federação Sul Matogrossense de Peteca (FESULPE) e Federação Tocantinense de Peteca (FETOPE).

⁴⁰ No entanto, atualmente somente sete estão ativas: Mineira, Paulista, Goiana, Paranaense, Tocantinense, Brasiliense e Rondônia, segundo informa Juliano de Oliveira, presidente em vigor, em 15 de abril de 2019.

2016, Patos de Minas

Muita coisa mudou daquela época para cá. Algumas negativas, como a queda do número de participantes, principalmente feminina, e a falta de escolinhas de base, entre outras. Mas também há coisas positivas, como a criação do Peteca Esporte Clube (PEC) Brasil, no qual a Liga Triangulina está credenciada.

O PEC foi criado no final de 2015 por Paulo Ricardo Correa Caixeta⁴¹, com sede em Patos de Minas, e inspirado no sistema de ranqueamento da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP), a PEC promove o Circuito Brasileiro de Peteca que “conecta os quatro pilares de sustentação do esporte: Atletas, Clubes, Torneios e Parceiros” (PEC Brasil, s.d.). Trata-se de uma empresa privada colaborativa, não uma entidade.

Com o apoio dos clubes, atletas e promotores, o Ranking PEC foi testado em 2016, seu primeiro ano em prática, em uma única categoria, a profissional (PRO), que se refere aos atletas de alto rendimento. Em 2016 foram realizados 25 torneios e o Ranking PEC começou a ser utilizado como critério de entrada

⁴¹ O fundador contou com o auxílio para programação no site de Jarrier Laurentino e os conselhos do atleta Vitor Torres, o Vitim, e do ex-presidente da FEMPE Eustáquio de Queiroz.

da categoria PRO na Liga Brasileira e no Brasileiro de 2017, como continua até hoje.

Para você que está chegando na peteca agora, vou explicar antes de um jeito mais simples, porque precisamos dessa parte técnica – mas prometo que o livro não segue esse tom, não se assuste. A categoria PRO é independente da idade, o seu maior critério é o nível técnico do petequero – um atleta de 18 anos, por exemplo, pode disputar contra um de 40.

O atleta PRO disputa as competições do ano nesta categoria e vai somando pontos de acordo com seus resultados em cada torneio credenciado. Esses pontos são usados para formar o ranking que seleciona os melhores colocados para disputar o Brasileiro e a Liga Brasileira nesta categoria.

Mas em paralelo a isso, nos campeonatos nacionais e abertos continuam existindo as categorias por faixa etária e também a iniciante. “Em 2017, a gente ampliou para todas as categorias de faixas etárias. Então deixou de ser um ranking só para a PRO e passou a incluir desde o Mirim até o Master III, que é o que temos hoje”, explica Paulo Caixeta.

O circuito PEC possui um calendário unificado dos principais torneios nacionais de peteca e soma pontos para o Ranking PEC, dessa forma, os torneios não coincidem datas e

podemos ter um calendário recheado, valorizando todas as regiões e organizadores. Atualmente são “em média 25 torneios por ano, fora os Campeonatos Estaduais, que também oferecem pontos no ranking. Ou seja, são 25 torneios abertos, mais 5 torneios Estaduais, totalizando 30 competições anualmente que oferecem pontuação no Ranking PEC”, conta Paulo. A pontuação distribuída em cada competição é definida junto aos promotores dos eventos: PEC 250, PEC 500, PEC 1000 ao STAR PEC.

Para pontuar no Ranking PEC é necessário a participação dos atletas – “são 1.828 atletas cadastrados em 3 anos e meio”, segundo Paulo – nos torneios credenciados, visto que todos os jogadores participantes recebem pontuação: quanto melhor a colocação, maior a pontuação. Além disso, é “computado e registrado os pontos por atleta (perfil individual) e por equipe (perfil da dupla/trio)”, conforme informa o site do PEC Brasil⁴², ou seja, o atleta recebe pontos nas duas categorias, pois as equipes são voláteis, assim o petequero não é prejudicado no ranking individual ao trocar de dupla entre uma competição e outra. O Ranking PEC é anual, formado pelos resultados conquistados nos torneios dos últimos 12 meses, após o período a pontuação expira.

⁴² **PEC BRASIL** (Patos de Minas). s.d. Disponível em <https://www.pecbrasil.com.br>. Acesso em 23 jun. 2020.

2006, Uberlândia

Apesar do Ranking PEC ser atualmente um sucesso, a elitização do esporte como é vista na Liga Brasileira de Peteca – que faz sua seleção por meio do PEC desde 2017 –, já foi bastante criticada e citada como um dos fatores do enfraquecimento da peteca.

Com seu jeito sincero e sem papas na língua, Evelin, que saiu da peteca e do Praia por volta de 2006, fala que “hoje, se você me perguntar, eu acho a peteca um fracasso. Fui em alguns Brasileiros a convite para ver, já me chamaram para jogar, têm muitos anos que eu não jogo, mas assim... Começou a criar aquela Liga [Brasileira] dando dinheiro em uma faixa etária; aquilo ali, o povo começou a querer poder ao invés de praticar o esporte. Com a gente não tinha isso, a gente queria praticar, alavancar o esporte, difundir o esporte”.

“Algumas Federações começaram a fazer eventos fechados, só para os atletas de elite, e isso foi desmotivando o pessoal menos técnico, mas eu não acho que isso foi um erro proposital. Eu acho que a intenção foi muito boa. Talvez um dos principais motivos desta elitização foi a Liga Brasileira, desde o início uma liga fechada, só com convidados. Começou a se definir essa diferenciação, acabou com a democratização, uma coisa que

agora o Leonardo está resgatando com a Liga Triangulina”, completa tio Ricardo.

De acordo com ex-coordenadora do Praia, as pessoas foram saindo porque perceberam isso, foram vendo que “sempre as mesmas pessoas que ganhavam, sempre defendendo a tabela na mesa, sendo que a gente fazia uma tabela onde punha os cabeças para dar emoção. Você tem que fazer isso, fazer uma tabela que dê para chegar numa competição legal, se não esse aqui não vai querer continuar porque só leva pancada, ué. Então assim, tudo isso a gente estudava muito para fazer, tanto é que a gente reinou por muito tempo. Eu falo isso com o coração muito tranquilo porque eu era a coordenadora da peteca e eu nunca tive interesse nenhum, a não ser levar esse esporte, difundir para fora. E dentro do nosso limite a gente conseguiu, só que hoje acabou”.

Essa elitização é vista por muitos como um dos problemas para a massificação do esporte, pois a partir do momento que você só valoriza os melhores, só premia eles e só os convida para jogar, você excluiu a massa. Exclui as crianças, exclui aquele que só brinca de peteca aos finais de semana e quem tem curiosidade de disputar um campeonato apesar de já estar mais velho.

O que pode ajudar é não excluir as outras categorias das competições. Além disso, a elite deve competir somente na

categoria PRO, o que possibilita trazer atletas para as categorias de idade – visto que todos terão oportunidade de conquistar o pódio – e assim mais petequiros para as competições.

No entanto, tio Ricardo reforça que “para a peteca voltar a crescer tem que voltar para a peteca nas escolas. A gente tinha um projeto muito bom em Uberlândia, do Ademar, que envolvia mais de 12 mil participantes, atletas de diversas escolas, e era um projeto bem documentado, com jogos intersalas, interclasses, intercolegial, por bairros e fechando no JEMG [Jogos Escolares de Minas Gerais]. Então foi um retrocesso, esse ano [2019] pela primeira vez em muitos anos a Secretaria de Esportes de Belo Horizonte retirou a peteca do JEMG e isso foi um retrocesso. Mas eu penso que para o retorno da peteca tem que ser a massificação e através das bases na escola”.

1996, Rio de Janeiro

Assim como Evelin e tio Ricardo citam os problemas na administração que contribuíram para a queda da Peteca, Pimenta concorda em partes e relembra exatamente os grandes campeonatos organizados pela Panda, “porque a organização foi muito bem-feita dentro do que tinha na época para crescer e a peteca cresceu, assim, um absurdo”.

Entre os exemplos de crescimento, nossa lenda da peteca recorda de uma competição na cidade maravilhosa: o Festival Internacional de Verão do Rio de Janeiro de 1996. “Eu cheguei no Rio de Janeiro, nesses festivais que têm lá que geralmente a Globo que promove... eu cheguei em Copacabana, eu jogava lá, montavam a quadra de peteca com uns tablados, eu cheguei a jogar lá. Só não foi transmitido na televisão, mas estavam lotadas as arquibancadas, o pessoal que não conhecia, passou a conhecer a peteca lá. Ela chegou até o Ministro do Esporte, né? O Pelé que era o Ministro do Esporte. Ela chegou a ter uma ascensão, assim, violenta”. A exibição foi perante a Comissão Técnica do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

O belo-horizontino, no entanto, destaca que faltou empenho e coletividade na administração “porque ela sempre foi muito amadora. E tudo para você poder fazer crescer precisa de uma

equipe, ninguém faz nada sozinho. E a peteca foi sempre muito sozinha, todos os presidentes, basicamente, que passaram, quiseram fazer tudo sozinhos. E sozinho ninguém faz nada. Sozinho você deixa passar alguma coisa, age errado em algum ponto, faz alguma coisa que nem está vendo o que está acontecendo e não tem ninguém para te corrigir ou para te orientar. E o mau da peteca sempre foi esse: todas as administrações sempre foram feitas isoladas. Infelizmente, praticamente todos os presidentes não aceitam ajuda. E acho que esse individualismo na organização, na presidência das entidades, eu acho que contribuiu muito para o não profissionalismo dela, entendeu?”.

Pimenta aproveita para fazer relação com os campeonatos atuais. “Hoje você vê surgir muitos torneios, o pessoal está mobilizando mais hoje. São épocas diferentes, situações diferentes, mas a quantidade está crescendo. Vamos citar o Leozinho com a Liga Triangulina que está fazendo um sucesso gigantesco. Mas, até aproveito... ela está crescendo de tal maneira que ele também vai ter que começar a ter mais pessoas para ajudá-lo, sozinho ele não vai conseguir tocar isso para frente. Vai chegar um ponto que a adesão e o sucesso vão ser tão grandes que ele vai começar a ter pontos falhos... Eu já vi esse filme, entendeu?”.

Entre risadas, aproveita para dar algumas dicas de quem está há 35 anos no esporte. “Ele [Leo] faz tudo certinho, beleza e tal, mas ele fica sobrecarregado, porque só está crescendo o número de participantes. Está começando a voltar àquela peteca que sempre teve, só não pode voltar esse individualismo que os presidentes tiveram. Então ele precisa dar um passo e colocar duas ou três pessoas⁴³ para tocar isso aí com ele supervisionando, digamos assim, não é? Porque o trabalho está sendo muito bem feito, então está precisando agora só daqueles ajustes... porque ele está inovando a cada torneio, e isso está motivando muito as pessoas. E como eu já vi o filme, é a hora dele pensar: ‘peraí, agora eu vou assumir a posição de Panda’ [risos], entendeu? Ele tem que começar agora a pensar com essa visão para não acontecer o declínio”.

Pimenta explica que “existe muita amizade entre os petequiros, o problema é que são pouquíssimas pessoas que

⁴³A Liga Triangulina de Peteca segue evoluindo e conta atualmente com uma equipe de quatro pessoas regulares: Leonardo Assis como presidente e organizador; Amanda Franciele Silva – eu – como assessora e social media; Luciene Resende como assessora; e um funcionário na mesa para chamar os jogos e conferir a tabela. Contamos ainda com uma empresa de criação para ações especiais – como as cartas do All Star e dos Lendários –, com a disposição e a força dos representantes dos clubes sedes, a colaboração da TV Peteca e da PEC e o apoio nos bastidores de Ricardo Ivan.

tomam a frente para iniciativa. Isso sempre atrapalhou. Talvez isso também possa ter motivado muitos dos líderes, dos presidentes, a ficarem mais isolados, porque é muito difícil você ter aquela pessoa que você possa contar. Fora, todo mundo realmente tem uma amizade muito boa, muito legal. Até fora da peteca, se um precisa ajudar o outro, alguma coisa assim... isso é sensacional, muito legal. Mas são poucas pessoas que se dispõem a fazer, ‘aí ó, vou te ajudar aí’, a tomar a frente e fazer, sabe? Muitos preferem ficar sentados esperando e criticando [risos]”. Afinal, apontar erros é mais fácil do que fazer.

Mas calma, sexta-feira é sempre o dia mais tranquilo em qualquer campeonato de peteca. Talvez por isso eu tenha refletido tanto sobre a organização. A correria de verdade começa amanhã.

2017, Belo Horizonte

Às 8h de sábado já estou no Praia, precisamos que tudo ocorra nos conformes para não prejudicar o andamento do dia e não atrasar os últimos jogos. Logo no começo, encontro o Marcelo Raimundo Fortunato. É a primeira vez que a TV Peteca, pela qual ele é responsável juntamente com sua esposa Flávia Fortunato, realiza a cobertura ao vivo da Liga Triangulina, na 2ª etapa de 2019.

Mineiro de Esmeraldas, Marcelo Fortunato conheceu a peteca aos 19 anos “em forma de brincadeira de rua em que um vizinho esticou uma cordinha entre duas árvores na antiga rua onde eu morava”. A brincadeira de rua evoluiu para treinamentos e Marcelo participou das grandes Copas Itaú, Brahma, Kaiser e Chevrolet. “Em 2007 parei de jogar e retornei em 2016 com uma visão mais técnica do jogo. Atualmente, com 47 anos, tenho me especializado em dar treinamentos de peteca através do projeto da Academia de Peteca em alguns clubes de BH”.

Apesar do lado atleta e treinador, Marcelo se destaca no universo petequero devido ao trabalho de transmissão e comentário de jogos. “Alguns meses antes eu tinha participado com Vitim [Vitor Torres], Jarrier e o Paulo Caixeta da transmissão do Finals PEC 2016, na quadra do Bertolino, atuando

como comentarista. Vitim e Jarrier foram precursores das transmissões ao vivo de Peteca. Eu, em meados de 2015, comecei a acompanhar alguns torneios e a fazer vídeos das jogadas. Era comum pedidos dos atletas para que eu lhes enviasse os vídeos de algumas jogadas”. Mas o esmeraldense conta que os pedidos estavam se tornando difíceis de atender por falta de tempo.

Por falta de um acordo com o Vitim e o Jarrier, em abril de 2017, Marcelo recebeu pela primeira vez a “missão de fazer as filmagens que eu já fazia para gravação, mas agora ao vivo numa transmissão com placar e narração a pedido do Sorriso e do Léo Bonito no torneio Star PEC realizado no Clube Belo Horizonte (CBH). Comecei usando o serviço da mídia de games *Twitch*, mas durante a transmissão eles bloquearam a exibição por não se tratar de jogo eletrônico e eu tive que em alguns minutos criar o canal no *YouTube* para continuar a transmissão”.

Surgiu assim a TV Peteca e com o crescimento da transmissão de eventos, Marcelo criou sua própria linguagem narrativa e contou com o apoio de petequeiros renomados, atuando, às vezes, de comentaristas. “Talvez pelo ineditismo da transmissão ao vivo na íntegra de todo o evento com uma análise das partidas, da evolução das equipes, dos prognósticos, dos comentários sobre regras e arbitragem de uma forma muito

coerente, foi possível manter o canal e contribuir para o crescimento do nosso esporte”.

Sobre o público, Marcelo explica que não é possível medir, pois a maioria assiste em família na televisão da sala de casa, ou seja, é necessário falar sobre dispositivos conectados em simultâneo, que são smartphones, TVs, computadores, tablets e console de games, sempre baseado em estimativas. “Outro ponto a se levar em conta é que a transmissão é feita ao longo de todo o evento. Os jogos mais interessantes normalmente atraem mais público, assim como os eventos mais importantes. Em suma, pelas estatísticas do canal podemos dizer que sempre há em torno de umas 100 pessoas acompanhando a transmissão, chegando a picos que vão de 500 a 5 mil pessoas. Infelizmente o público petequero é muito incipiente no uso de tecnologias, muitos que assistem à TV Peteca só o fazem se receberem o link do jogo, não sabem como chegar ao canal sozinhos, não entendem a importância de assinar o canal, de dar o like etc. Talvez isso seja reflexo da alta média de idade dos petequeros”⁴⁴. Ainda assim,

⁴⁴ Sobre a audiência no canal, são majoritariamente homens (89%) na faixa etária de 25 a 34 anos (58,4%) e de 35 a 44 anos (28%). Esses dados foram cedidos pelo proprietário do canal, Marcelo Fortunato, no dia 14 de maio de 2020, sobre os últimos 28 dias.

de 4 de abril de 2017 a 13 de maio de 2020 foram 312.209 visualizações.

Atualmente, a “TV Peteca tem um modelo de negócios que envolve assessoria para organização, captação de patrocinadores e divulgação do evento, apoio técnico ao organizador durante o evento e a transmissão em si”, explica Marcelo. Além disso, é importante ressaltar o papel da TV Peteca no registro histórico do evento, algo fundamental para o fortalecimento da peteca enquanto esporte e para a preservação da memória de competições e atletas.

Algo inexistente por muito tempo no esporte, tanto por ausência da preservação das entidades em questão de documentos e relatórios escritos quanto pelas dificuldades tecnológicas para gravações das décadas passadas. “Geralmente eram poucas as pessoas que filmavam jogos. Era quem tinha câmera antigamente que ficava com aquele negócio gigante para lá e para cá, era difícil, né?”, relembra o atleta Ricardo Madruga. “Hoje não, hoje você tem o celular, câmeras mais portáteis, você tem hoje a TV Peteca, que ajuda bastante a divulgar, de uns anos para cá está divulgando bastante isso daí. Isso é importante. Eu acho que a peteca hoje só não se tornou um esporte com maior potência por

falta mesmo de política, e por causa desse histórico todinho, falta de pessoas mostrarem o que que é realmente peteca”, completa.

Após a transmissão ao vivo da TV Peteca, o jogo fica salvo no canal⁴⁵ e pode ser acessado pela internet a qualquer momento.

⁴⁵ **TV PETECA**. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCpJBCIJ9LkWc41a4F9rs7rg>. Acesso em 23 jun. 2020.

2019, Uberlândia

Não há competição melhor do que a 2ª etapa da Liga Triangulina de 2019 para se juntem à TV Peteca. Nessa etapa, meu primo Leo teve a brilhante ideia de homenagear petequieiros de diversas gerações convidando-os para disputar aqui no Praia uma categoria especial masculina, chamada All Star: Encontro de Gerações.

“Eu venho de uma época em que grandes nomes jogavam, por que não fazer uma homenagem para essa geração? A categoria PRO de hoje não conhece esses caras, só ouvem falar, porque na época não tinha essa tecnologia que em segundos mandamos as coisas e já está todo mundo vendo. Por que não mostrar para essa nova geração, de uma época bem diferente da passada, os grandes atletas? Foi uma coisa assim, bem inusitada. Queria fazer algo novo e veio na cabeça a ideia de fazer esse All Star: Encontro de Gerações”, explica.

Leo conta que no convite “eles se sentiram importantes, privilegiados na modalidade, sendo que, como se diz, já haviam sido esquecidos. Todos na hora falaram ‘sim, pode contar comigo’, nem perguntaram nada, só a data para organizar”. Alguns nomes infelizmente não puderam comparecer por motivos pessoais e de saúde, mas os atletas ali presentes

representam muito bem a história do nosso esporte nos últimos anos.

Transmissão da TV Peteca preparada, camisetas distribuídas e todos presentes, era hora de começar esse show à parte. Como assessora de comunicação, sobrou para mim – estranhamente uma jornalista que não gosta de falar em público – fazer o discurso de abertura às 9h:

Contar a história da peteca é contar a história de seus atletas, de petequeros que estão sempre dispostos a competir e fazem das reuniões de peteca uma grande celebração.

Mais do que uma competição, esse é o espírito que queremos mostrar aqui: de celebração, de valorização de várias gerações que ajudam a dar visibilidade ao nosso esporte e podem hoje jogar juntos.

Nossos atletas homenageados são: João Pedro; Leonardo Lopes; Marcelo Spider; Sérgio Miranda; Robson André; Marcelo Nallon; Leonardo Assis; Murílio Naves; Kennedy Pires; Gabriel Cabide; Abraão Lucas; Ricardo Caderada; Ricardo Delgado; Gustavo Baron; Leo Bonito; Lucas Henrique; Marcelo Ceceu; Adriano Boiadeiro; Vítor Torres; Celton Nunes;

*Fernando Cunha; Douglas Silva; Ricardo Madruga; Elton Capita; Lucas Ribas.*⁴⁶

Enquanto chamo os nomes, Nelson Hígino, nosso querido Nelsão, ex-presidente da Federação Goiana, entrega as medalhas a cada um. De certo modo, uma homenagem também a ele, que há tantos anos luta pelo nosso esporte, tem prazer em estar e ajudar no maior número de competições possíveis, sempre alegrando todos ao seu lado.

Mas como não poderia deixar de ser, coube ao meu tio Ricardo o imprevisto da abertura. Durante a cerimônia, tio Ricardo estava jogando uma partida pela categoria Master I e não se apresentou quando eu chamei seu nome. Após anunciar todos os nomes, eis que ele surge correndo e pede: “me chama de novo”. Não pude deixar de rir. Mas anuncio novamente “Ricardo Caderada” e ele entra para receber a homenagem, após pedir tempo no jogo em que estava. Não poderia ser diferente, tio Ricardo sempre teve multifacetas e mil histórias para contar.

⁴⁶ Discurso escrito e lido por mim na abertura da categoria All Star, na 2ª etapa da Liga Triangulina de Peteca de 2019.

